



O Jardim de Infância e a família: Uma relação que se tece
ao longo do tempo.

Ana Monjardino Cabaço

Nº 24486

Orientadora do Relatório:

Maria Lacerda

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada submetido como

requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em Educação Pré-Escolar

2018

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizado sob a orientação de Maria Lacerda, apresentada no ISPA – Instituto Universitário/ESEI Maria Ulrich para obtenção de grau de Mestre em Educação Pré-Escolar, criado por Aviso n.º 11450/2015 publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 195, de 6 de outubro.

Agradecimentos

Cheguei ao fim de um longo percurso académico, e para que conseguisse chegar até aqui muitos foram aqueles que me ajudaram para que este momento fosse possível. Por esta razão, quero agradecer a todas as pessoas que me acompanharam nesta fase.

Começo por agradecer à Escola Profissional de Educadores de Infância Maria Ulrich que acompanhou o meu percurso escolar desde do 10º ano.

Agradeço às professoras e orientadoras Maria Lacerda e M^a Isabel Gerardo pelo apoio e orientação que me deram no decorrer e construção deste relatório, pelas críticas e comentários que me ajudaram a evoluir tanto profissionalmente como pessoalmente e a expandir os meus conhecimentos. Aos outros professores da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich e do ISPA que me ajudaram na construção deste relatório e um agradecimento especial à professora Lurdes Mata pela paciência e dedicação que me dedicou.

Agradeço às educadoras cooperantes e auxiliares que me apoiaram ao longo deste estágio, contribuindo para a minha evolução como futura educadora. Às crianças que permaneceram no meu dia a dia durante quatro longos meses, pela ajuda e carinho que me deram no decorrer deste estágio e aos pais destas crianças que se mostraram disponíveis e empenhados no decorrer do meu projeto, pois sem eles nada seria possível.

Agradeço a todas as minhas colegas de turma e de curso que me apoiaram nesta reta final, partilhando tudo aquilo que sabiam e um principal agradecimento às minhas colegas Joana Tomaz, Joana Alves e Raquel Quintino por toda ajuda que me deram no decorrer deste trabalho.

Agradeço a todos os meus familiares que de uma forma ou de outra colaboraram para a minha formação académica. Agradeço à D. Albertina pelo importante trabalho de costureira no meu projeto final, às minhas primas Ana Sofia, Margarida e à minha tia Carlota pela ajuda na construção do meu portefólio e ao meu tio Pedro pela leitura do relatório.

Por último, e mais importante, agradeço ao meu pai Zé, à minha mãe Sofia, ao meu padrasto Paulo e ao meu irmão João pelo apoio incondicional e pela paciência que tiveram comigo ao longo deste percurso, pois com eles consegui ultrapassar obstáculos que foram surgindo e sempre me incentivaram a não desistir.

Resumo

Este relatório intitulado “O Jardim de Infância e a família: Uma relação que se tece ao longo do tempo”, foi desenvolvido no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada, durante o ano letivo de 2017/2018. O estudo desenvolve-se num Jardim de Infância, na cidade de Lisboa, onde realizei a minha prática supervisionada e teve como principal objetivo perceber a importância do envolvimento e da participação das famílias neste Jardim de Infância.

A relação entre a escola e a família, o conceito de família, a relação e a participação da família com o JI, o papel do educador e suas estratégias são algumas das temáticas abordadas neste relatório.

São apresentadas algumas reflexões, baseadas em referenciais teóricos, sobre o envolvimento e a colaboração da família com o Jardim de Infância e algumas dificuldades desta relação, e ainda, o seu impacto na aprendizagem e desenvolvimento da criança.

O estudo é baseado numa investigação qualitativa com intenção de compreender aquilo que é percebido pelos participantes, bem como as observações dos seus comportamentos. Para a recolha de informação utilizei técnicas de inquérito (questionários e entrevistas), observações e análise documental dos Projetos Educativo e Curricular e das descrições e avaliações das atividades implementadas do projeto realizado com as famílias.

Os resultados revelaram que o envolvimento das famílias no dia a dia das crianças é muito positivo e a sua participação nos projetos/atividades é ativa.

Palavras chave: Famílias; Jardim de Infância; Relação; Participação; Envolvimento; Papel do educador.

Abstract

This report entitled "Kindergarten and the family: A relationship that weaves over time" was developed within the framework of the Supervised Teaching Practice course during the school year 2017/2018. The study was carried out in a kindergarten in the city of Lisbon, where I carried out my supervised practice and had as main objective to understand the importance of the involvement and participation of families in this Kindergarten.

The relationship between school and family, family concept, relationship and family participation with the JI, the role of the educator and their strategies are some of the topics addressed in this report.

Some reflections, based on theoretical references, on the involvement and collaboration of the family with the kindergarten and some difficulties of this relationship, as well as their impact on the learning and development of the child, are presented.

The study is based on qualitative research with the intention of understanding what is perceived by the participants, as well as the observations of their behavior. For the collection of information, I used survey techniques (questionnaires and interviews), observations and documentary analysis of the Educational and Curriculum Projects, and the descriptions and evaluations of the implemented activities of the project carried out with the families.

The results showed that the involvement of the families in the children's daily life is very positive and their participation in the projects / activities is active.

Keywords: Families; Kindergarten; Relationship; Participation; Involvement; Role of the educator.

Abreviaturas

JI – Jardim de Infância

MTP – Metodologia de Trabalho Projeto

EPE – Educação Pré-Escolar

PES – Prática de Estágio Supervisionado

PCG – Projeto Curricular de Grupo

NC – Notas de Campo

DB – Diário de Bordo

Índice

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1. A relação entre o jardim de infância e a família	3
1.1 Conceito de família	3
1.2 A participação da família no jardim de infância	6
1.3 Estratégias do/a educador/a para proporcionar uma relação entre a escola e a família ..	10
1.4 As vantagens e eventuais desvantagens de uma relação positiva entre o JI e a família para as crianças	14
CAPÍTULO II: PROBLEMÁTICA E OPÇÕES METODOLÓGICAS	16
1. Caracterização do contexto de estágio	16
1.1. Da instituição	16
1.2. Da sala	17
1.3. Do grupo	19
1.4. Do exterior	20
2. Identificação da problemática	20
2.1. Questões orientadoras	21
2.2. Objetivos	22
3. Tipo de estudo	22
3.1. Investigação de cariz qualitativo	22
4. Instrumentos utilizados	24
4.1. Questionários	24
4.2. Entrevistas	26
4.3. Observações	27
4.3.1 Notas de campo	28
4.4. Registos fotográficos	29
4.5. Análise de conteúdo e respetivas dimensões	30
CAPÍTULO III: ANÁLISE REFLEXIVA DECORRENTE DA PRÁTICA SUPERVISIONADA	31
1. Introdução à intervenção pedagógica	31

2. Prática desenvolvida.....	31
2.1. No contacto com as famílias e participação dos pais.....	31
2.2. Na relação com os intervenientes educativos.....	32
2.3. Na entrada e saída das crianças.....	33
2.4. Nos dias festivos/reuniões.....	34
3. Participação dos pais em atividades propostas.....	35
3.1. Primeira atividade realizada com/pelos pais “A árvore de natal”.....	37
3.2. Segunda atividade realizada com/pelos pais “A nossa família”.....	39
3.3. Terceira atividade e projeto final “A manta das nossas famílias”.....	40
4. Caracterização dos participantes.....	42
4.1 Pais.....	42
4.2 Crianças.....	43
4.3 Educadoras.....	43
5. Triangulação da informação recolhida.....	44
 CAPÍTULO IV: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 55
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	 59
 ANEXOS.....	 64
1. Planificações das atividades realizadas com os pais.....	64
1.1. Planificação da 1ª atividade realizada com/pelos pais “A árvore de natal”.....	64
1.2. Planificação da 2ª atividade realizada com/pelos pais “A nossa família”.....	72
1.3. Participação da 3ª atividade e projeto final “A manta das nossas famílias”.....	75
2. Questionários aplicado aos pais.....	82
3. Respostas dos pais sobre a educação pré-escolar e a sua importância:.....	90
4. Questionário aplicado às educadoras de JI.....	91
5. Entrevistas aplicadas às crianças de JI.....	93
6. Figuras.....	95
6.1. Instituição:.....	95
6.2. Sala:.....	96

Índice de figuras

Figura nº 1 / 2 / 3 – Ambiente da sala	17
Figura nº 4 – Decalque das mãos dos pais e das crianças concluídas	38
Figura nº 5 – Árvore de natal concluída, com as bolas de natal penduradas com as fotografias da família no seu interior	39
Figura nº 6 – A manta das nossas famílias concluídas	41
Figura nº 7 – Mãe do T. a realizar a atividade	70
Figura nº 8 – Mãe da L. a realizar a atividade	70
Figura nº 9 – Mãe da A. a realizar a atividade	70
Figura nº 10 – Pai do M. a realizar a atividade	70
Figura nº 11 – Mãos dos pais e filhos feitas, por cortar	71
Figura nº 12 – Mãos cortadas	71
Figura nº 13 – Construção da árvore de natal com as mãos	71
Figura nº 14 – Árvore de natal concluída	71
Figura nº 15 – Bolas de natal com a fotografia da família lá dentro	74
Figura nº 16 – Árvore de natal com as bolas penduradas	74
Figura nº 17 – História contada antes de iniciar estes projetos	79
Figuras nº 18 / 19 / 20 – Três dos 23 quadrados de tecidos feitos pelas crianças em conjunto com os seus pais	80
Figuras nº 21 / 22 / 23 – Algumas crianças a mostrarem o seu quadrado de tecido	80
Figura nº 24 – Cada criança com o seu quadrado de tecido à frente para apresentar ao grupo	80
Figuras nº 25 / 26 / 27 / 28 – A “manta das nossas famílias” em construção	81
Figura nº 29 – Manta concluída	81
Figura nº 30 – O grupo a observar a manta concluída	81
Figura nº 31 - Entrada da instituição	95
Figura nº 32 - Recreio do jardim de infância	95
Figura nº 33 - Recreio do jardim de infância coberto	95
Figura nº 34 - Cozinha da instituição	95
Figura nº 35 - Cabides das crianças	96
Figura nº 36 - Porta da sala	96
Figuras nº 37 / 38 / 39 - Primeiro lado da sala + casa de banho	96
Figuras nº 40 / 41 / 42 - Segundo lado da sala	96
Figura nº 43 - Jornal da semana	97
Figura nº 44 - Mapa dos aniversários	97
Figura nº 45 - Mapa das presenças	97
Figura nº 46 - Mapa dos responsáveis	97
Figura nº 47 – Calendário	97
Figura nº 48 - Mapa do tempo	97

Índice de tabelas

Tabela 1 – habilitações académicas	42
Tabela 2 – Profissões dos pais	42
Tabela 3 – grelha de análise de conteúdo	44

Introdução

A elaboração deste Relatório da Prática de Ensino Supervisionada é bastante importante para finalizar o meu percurso como estudante e passar a desempenhar a função de Educadora de Infância. Este relatório é um trabalho que relata, de forma sucinta e estruturada, tudo aquilo por que passei e todas as experiências que tive e que me fizeram evoluir profissionalmente e até mesmo pessoalmente no último estágio.

Para conseguir realizar este Relatório da Prática de Ensino Supervisionada, para além da minha prática supervisionada, fiz um trabalho de pesquisa com intenção de adquirir informações pertinentes para responder às minhas dúvidas e de certa forma, de alargar os meus conhecimentos, o que será muito útil para o meu futuro como Educadora de Infância.

Este relatório foi realizado na unidade curricular de prática supervisionada em educação pré-escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich; partindo do estágio que decorreu de 12 de outubro a 26 de janeiro, em Jardim de Infância numa instituição situada no Bairro da Graça em Lisboa.

Escolhi esta temática porque é um aspeto que dou muita importância e que me preocupa no meu futuro profissional, deste modo pretendo investigar quais as melhores estratégias para envolver os pais no dia a dia dos seus filhos e como desenvolver uma boa comunicação que poderá possibilitar uma relação positiva com a instituição e com os seus intervenientes, e assim, ganhar mais confiança no meu trabalho com as famílias.

Na revisão de literatura, pude constatar que existe uma grande diversidade de definições utilizadas para o termo relação entre o contexto de jardim de infância e a família (Marques 2001; Post & Hohmann 2011; Portugal 1998; Borrás 2002). Em relação ao envolvimento entre o contexto de jardim de infância e a família, existe uma grande diversidade de palavras, como por exemplo, a relação, a participação, interação, o envolvimento, a cooperação, a parceria e a colaboração. Nunes (2004) afirma que a palavra colaboração está relacionada com a partilha de responsabilidades e de participação e com a noção de parceria e trabalho em conjunto, pois o sucesso educativo só é possível se todos, em conjunto participarem e colaborarem.

Segundo Gispert (1998), a família e o jardim de infância pretendem que todas as crianças tenham uma educação completa, positiva e cheia de novas experiências. Para

que exista esta educação, o autor considera necessário que a relação entre o JI e a família proporcione momentos de cooperação e entreajuda, e que exista uma participação ativa e comunicação entre ambos os contextos, para assim em conjunto potenciarem o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Este relatório está dividido em quatro capítulos: no capítulo I apresento o Enquadramento Teórico onde abordo vários aspetos fundamentais da temática nomeadamente a relação entre a escola e a família, conceito de família; a relação e a participação da família com o JI, o papel do educador e suas estratégias para proporcionar esta relação, bem como as vantagens e eventuais desvantagens para as crianças da relação entre estes dois contextos.

O capítulo II apresenta a Problemática e as Opções Metodológicas. Neste capítulo o primeiro ponto a ser abordado é a caracterização do contexto de estágio, mais especificamente, da instituição, do grupo de crianças, da sala e do exterior. O segundo ponto está denominado como identificação da problemática que aborda os meus objetivos e a questões orientadoras. O terceiro ponto deste capítulo é o tipo de estudo utilizado neste estudo, o quarto ponto é o tipo de investigação utilizada e o quinto e último ponto deste capítulo são os instrumentos utilizados.

No capítulo III encontra-se a Análise Reflexiva decorrente da Prática Supervisionada. No primeiro ponto deste capítulo apresento uma pequena introdução da prática desenvolvida em estágio, de seguida, no segundo ponto abordo mais especificamente quatro pontos importantes, o contacto com as famílias e participação dos pais, a relação com os intervenientes educativos, a entrada e saída das crianças e os dias festivos/reuniões. No terceiro e último ponto deste capítulo realço a participação dos pais nas atividades propostas.

No capítulo IV, apresento as Considerações Finais deste capítulo. Neste capítulo abordo as aprendizagens que fiz e que vieram enriquecer a prática profissional, menciono as aprendizagens mais relevantes para mim deste processo, as dificuldades que tive no seu decorrer, a prática e as reflexões consideradas importantes para uma futura intervenção.

No final destes quatro capítulos indico quais as Referências Bibliográficas utilizadas neste relatório e por último os Anexos, onde se encontram as planificações das atividades que propus realizar com os pais.

Capítulo I: Enquadramento teórico

1. A relação entre o jardim de infância e a família

1.1 Conceito de família

Segundo vários autores como Giddens, (1999;2004), Amaro (2006) Alarcão & Relvas (2002), existem diferentes tipos de família constituídos por elementos ligados por laços de sangue, de afetividade ou interesse e que coexistem por um certo tempo, durante o qual criam uma história de vida. A família é um grupo social onde os indivíduos vivem em conjunto com uma grande complexidade de relações interpessoais. Por esta razão, no passado e atualmente dá-se muita importância à família e às alterações que tem havido dentro e fora dela. Por conseguinte, as diferentes gerações que completam uma família continuam através do ciclo vital, privilegiando as diversas etapas do desenvolvimento, como também as tarefas e interações essenciais para cada um dos indivíduos no caminho que fazem em simultâneo.

Para a infância e adolescência de uma pessoa, a família é bastante importante pois é com ela que as crianças têm o seu primeiro contacto e a sua primeira interação. O principal papel dos pais é transmitir os seus princípios e valores, e transmitir aos seus filhos as bases dos seus comportamentos, isto é, a forma como se devem comportar, o respeito para com as outras pessoas, a boa educação, entre outros aspetos.

Para Alarcão e Relvas (2002), a família nuclear é o tipo de família que continua a ser mais frequente atualmente, mas para alguns já não é uma referência a seguir. Esta família é constituída por dois adultos, homem e mulher e os seus filhos biológicos ou adotivos.

Segundo Giddens (1999), as famílias recompostas são formadas por laços conjugais depois do divórcio ou separações e é frequente e provável que de outros casamentos ou de outras aproximações apareçam meios irmãos. As famílias monoparentais são compostas ou só pela mãe e os seus filhos ou só pelo pai e os seus filhos. São famílias que passaram por um divórcio, uma viuvez ou simplesmente a mulher ou o homem, sozinhos, decidem adotar ou usam técnicas de reprodução. Este tipo de família foi evoluindo devido ao aumento de divórcios, nestes casos os filhos ficam a viver ou com o pai ou com a mãe. Muitas vezes o adulto que fica com as crianças é a mãe, embora já haja pais a ficarem com a custódia das crianças. Por último, existem as famílias homossexuais que são compostas por dois indivíduos do mesmo sexo, com ou sem filhos.

Tal como Santos (2004) refere

“A família é o contexto relacional e afetivo que permite à criança desenvolver-se e construir a sua identidade. Para que este processo decorra de forma harmoniosa é necessário que a família se constitua como um contexto estruturante e organizador, com particular destaque para dois parâmetros que me parecem especialmente relevantes, designadamente a diferença de gerações, e a diferença de género, feminino e masculino. As figuras parentais, pai e mãe, e a forma como se relacionam entre si e com os filhos, têm naturalmente muito significado neste processo (...)” (p.38).

A família deve proporcionar momentos afetivos e situações de bem-estar aos seus filhos, e é um lugar imprescindível para assegurar a sobrevivência e a proteção deles, independentemente da posição familiar em que se encontram ou da forma como a família está estruturada. É dentro da família que está concentrado o valor ético e humanitário, e é também nela que é desempenhado um papel decisivo na educação (Kaloustian, 1988).

Segundo Araújo (2005), hoje em dia, educar um filho é bastante mais complicado do que nos anos passados, e vários fatores ajudaram a que isso acontecesse. Tudo mudou desde a década dos anos noventa até aos dias de hoje, e com esta mudança vieram também algumas consequências. Com os avanços da tecnologia perdemos um pouco a noção do que é realmente importante, como os princípios e valores que foram trazidos pelos nossos pais, avós e bisavós. Houve outro fator muito importante que passou por uma grande mudança que foi o facto da mulher, a mãe, ter deixado de estar constantemente em casa com os seus filhos e ter entrado no mercado de trabalho, a partir desta permuta houve uma alteração na vida da criança em todos os aspetos.

Gokhale (1980) afirma que a família tem sido, é e continuará a ser a influência mais importante para o crescimento e desenvolvimento da personalidade e do carácter da criança. Refere ainda que uma educação bem-sucedida vai ajudar a que o seu comportamento em adulto seja positivo e produtivo. Os pais devem-se mostrar interessados e preocupados com as necessidades dos seus filhos e ter uma participação adequada e ativa no seu dia a dia, demonstrando-lhes constantemente que estão a ser protegidas e amadas.

Enquanto que para Portugal (1998) a família é apreciada como um contexto onde as crianças vão tendo diversas experiências e onde constroem uma relação e um contacto com o mundo que as rodeia. Para Gimeno (2001) o significado de família não é um

significado claro, pois podemos considerar que dentro de uma família existe um conjunto de várias culturas entre os familiares, assim como o trabalho e as obrigações que cada um tem.

Neste sentido, a família tem uma função importante, no desenvolvimento das capacidades cognitivas e afetivas da criança, proporcionando-lhes diversas experiências ao longo do seu crescimento global, “(...) incentivá-las a terem rotinas estruturadas e levá-las a descobrir diversos conhecimentos da maneira mais acertada e clara” (Miranda 2002, p.14).

Segundo Berger (2001, citado por Magalhães, 2007) é a partir do contacto e das relações que as crianças vão desenvolvendo os seus conhecimentos e as suas experiências e sendo os pais/ a família, os principais perceptores das crianças e tendo estes um papel importante de ajudá-las, acompanhá-las e segui-las no seu percurso e no seu desenvolvimento, são também estes que têm a responsabilidade e o cuidado de permanecerem atentos a cada movimento das crianças de modo a fornecer-lhes um meio onde possam crescer, evoluir e adquirir novos conhecimentos.

Neste sentido Magalhães (2007, p.50) reforça que a família continua com a sua obrigação de ajudar em todos os aspetos necessários, na educação, apoiar emocionalmente e socialmente. É a família que se dedica e proporciona os melhores cuidados, amor e potencia diversas oportunidades às crianças.

Segundo Silva, Marques, Mata e Rosa (2016) na:

“construção de identidade e da autoestima, o reconhecimento das características singulares de cada criança desenvolve-se simultaneamente com a perceção do que tem em comum e do que a distingue de outros, pelo que o reconhecimento de laços de pertença social e cultural faz também parte da construção da identidade e da autoestima. Esta construção é apoiada pelo/a educador/a, ao respeitar e valorizar a cultura de cada criança e da sua família.”. (p. 34).

O JI e a família são dois contextos onde as crianças passam mais tempo durante a primeira e segunda infância, por isso, será de grande significado potenciar uma relação de confiança entre a instituição e a família para a aprendizagem e o bem-estar das crianças.

1.2 A participação da família no jardim de infância

Atualmente, as crianças passam demasiadas horas no JI, muitas vezes a razão para isto acontecer é o trabalho que os pais têm e as condições a que estão sujeitos. O JI e a família devem ter uma relação positiva e fortificar a educação e o crescimento das crianças. É muito importante haver uma relação de confiança entre o JI e a família, mas às vezes torna-se um pouco difícil gerir esta relação. Segundo Homem (2002, p.41) “essa ligação nem sempre é claramente visível nem fácil de concretizar”, isto quando ambos os contextos não estão de acordo com um determinado assunto ou quando não existe nenhum tipo de comunicação, colaboração ou envolvimento entre os pais e a educadora. Se for assim, fica difícil criar uma relação positiva com as famílias.

Para Gispert (1998, p.15), o principal objetivo da família e do JI é conseguir uma formação completa e ajustada para todas as crianças. Para que isto aconteça é essencial que haja uma relação com base na participação e na segurança, isto é, que haja um conjunto de comportamentos apropriados a todas as crianças. Este autor acrescenta ainda que, os pais e as instituições são grandes pilares da educação das crianças. Tanto a família como o JI devem ter os mesmos objetivos e principalmente devem prestar auxílio, sempre que for necessário e devem perceber qual a função de cada um e em conjunto promover o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Segundo Barbosa (1988 citado por Villas-Boas 2001, p. 82), a família e o JI são duas palavras inseparáveis, e ambas as partes devem proporcionar momentos que ocasionem conhecimentos e aprendizagens relevantes para as crianças. Partindo do princípio que a família e o JI estão unidos a favor da criança, podemos confirmar que o JI é um local onde se prolonga a educação que é contraída no ambiente familiar, isto é, segundo Lima (1999 citado por Homem 2002), o JI é a continuação de um ambiente familiar tendo como obrigação inculcar diversos valores a partir de uma formação educativa.

É fundamental que a família interaja e colabore com o JI para que fiquem a par das evoluções e dos comportamentos das crianças, para isso acontecer é essencial que exista uma relação positiva entre a família e a instituição, isto é, uma relação ativa, reuniões sempre que necessário, conversas rápidas e diárias com a educadora, pois havendo esta proximidade torna-se mais possível a participação e colaboração dos pais e das famílias. Segundo Diogo (1998 citado por Abreu da Silva 2002), a instituição e a família são os primeiros e os principais responsáveis em fornecer momentos de aprendizagens significativas que irão tornar-se essenciais para a sua evolução e aquisição de saberes.

Sendo assim, deve haver um ambiente de entajuda no contexto educativo, ambiente este que vai inserir melhor as famílias.

Também Hohmann e Weikart (1997) acreditam que, “um clima apoiante do envolvimento familiar é, portanto, caracterizado pela partilha de controlo entre adultos e crianças, pela concentração nas forças e nos talentos das crianças e das famílias” (p. 104). Assim o educador tem um papel fundamental de assegurar que todas as crianças desfrutem de um ambiente rico, cativante e apropriado para o seu desenvolvimento e para as suas aprendizagens. O educador deverá ainda ajudar as famílias na construção e na evolução das suas capacidades e dos seus conhecimentos.

Para Homem (2002), “a ligação constrói-se, desconstrói-se e reconstrói-se em espaços de diálogo, convergente e/ou divergente, partilhando preocupações educativas individuais sim, mas também universais” (p. 37), isto é, é essencial haver diálogo entre os dois contextos para compreenderem o porquê de certos comportamentos e perceber a sua razão, bem como conhecer as suas intenções educativas. Partindo destes aspetos, a relação entre o JI e a família vai tecendo ao longo do tempo, ou seja, é uma relação que vai crescendo de forma a estabelecer uma ligação.

Interessante são as diferentes perspetivas de autores como Hohmann e Weikart (1997), Homem (2002), entre outros, que afirmam que a comunicação e o envolvimento das famílias no JI só acontecem se existir disponibilidade por parte do JI para receber os pais, e muitas vezes depende de instituição para instituição.

Borrás (2002, p. 108) refere quatro pontos que são essenciais para haver uma relação positiva entre o JI e a família, são eles:

- Colaboração: O jardim de infância deve compreender quais as necessidades das famílias e das crianças para conseguir ajudar sem se envolverem demasiado.
- Responsabilidade principal: A família tem um papel fundamental num contexto educativo, (...) conhece melhor as crianças do que qualquer instituição ou qualquer educadora.
- Nunca substitui a família: Ambos têm trabalhos diferentes, mas cooperam sempre para o mesmo propósito, o conforto e a tranquilidade da criança.
- Espaço de participação e colaboração dos pais: A equipa pedagógica deve perceber este aspeto e proporcionar às famílias e às crianças uma relação.

Rodríguez e Hignett (1981, citado por Portugal, 1998), afirmam que a adaptação da criança ao JI é um assunto muito importante tanto para as famílias e crianças, como para a instituição convertendo-se numa situação por vezes complicada para ambas as partes, por ser “um processo muito mais complexo do que se poderia supor e que durante determinadas fases de desenvolvimento é de esperar o ressurgimento de comportamentos negativos semelhantes aos observados em períodos de adaptação inicial” (p. 184).

Portugal (1998) admite que, o papel do educador é ajudar as famílias e as crianças a ultrapassarem as dificuldades desta separação. A forma mais adequada da criança lidar com esta situação positivamente é, criar uma ligação de confiança entre a família, a criança e a educadora. Com a mesma visão, Post e Hohmann (2011) afirmam que “o objetivo global é o de proporcionar um ambiente caloroso, seguro e interessante para os pais das crianças sentirem confiança em lhos entregar.” (p. 330)

Há momentos do dia específicos para se reforçar a relação entre a educadora e os pais, como por exemplo, o momento em que os pais deixam ou vão buscar os seus filhos ao JI. Promover a comunicação e a relação que existe entre os dois contextos é essencial, pois podem partilhar informações e alguns aspetos que considerem importantes.

Segundo Lopes da Silva (1997) “a relação com cada família, resultante de pais e adultos da instituição serem co-educadores da mesma criança, centram-se em cada criança, passando pela troca de informações sobre o que lhe diz respeito, como está na instituição, qual o seu progresso, os trabalhos que realiza” (p. 43).

Por isto, é importante a partilha diária entre a educadora e as famílias, visto desta forma poderem colaborar positivamente para o crescimento das crianças e para a aquisição de diversas aprendizagens.

Para Marques (2001) é fundamental, que a instituição mantenha sempre uma relação de união, de parceria com as famílias e para isso é necessário que, a própria instituição, os pais e os educadores mostrem empenho e que aprendam a atuar e a trabalhar em simultâneo, unidos no mesmo propósito.

Post e Hohmann (2011) referem que “em conjunto, pais e educadores recolhem, trocam, e interpretam informação específica sobre as ações, sentimentos, preferências, interesses e capacidades sempre em mudança da criança.” (p. 329). Com esta união e participação, os pais e educadores vão aprendendo uns com os outros, vão conhecendo

melhor os seus próprios filhos e mesmo as outras crianças. A colaboração das famílias na vida escolar deve ser encarada como um fenómeno que vai contribuir positivamente para a aprendizagem e para o crescimento das crianças. Para que as famílias fiquem com essa noção é preciso que os educadores de infância também a tenham, pois, desta forma fica mais fácil a entrada dos pais no JI e nas salas, de forma a participarem no dia a dia dos seus filhos. Os educadores devem arranjar diferentes estratégias que promovam a comunicação e a participação ativa dos pais na vida escolar dos seus filhos, com intenção de desenvolver as suas aprendizagens. Marques (2001) reforça que a participação das famílias na aquisição de novos conhecimentos e na realização de atividades no JI partem essencialmente da necessidade que os educadores têm de contar com a colaboração dos pais e de arranjar estratégias para incentivar os pais a interagirem e a comunicarem mais com eles e com os outros intervenientes.

O mesmo autor (2001) refere que, frequentemente os pais participam bastante por duas razões, a primeira é que a educação pré-escolar (EPE) não é uma etapa obrigatória e “(...) não existe pressão de seleção e de rendimento escolar (...)”, a segunda razão é que o educador é uma extensão de educação das crianças e muito educadores passam às crianças o mais importante “carinho, apoio nos cuidados de higiene, segurança e aprendizagem através do jogo.” (p. 88). Os pais podem adquirir diferentes atitudes ao colaborarem com o JI, pois se colaborarem na organização e tomada de determinadas decisões que digam respeito ao JI, ou se participarem na preparação de festas ou mesmo na realização de algumas atividades, então podemos dizer que os pais são colaboradores ativos. Se isto não acontecer e os pais simplesmente tiverem contacto direto com o educador/a do seu filho, através de contactos informais, então aí, são pais pouco informados, sabendo apenas aquilo que se passa no JI, relativamente ao seu filho.

Neste processo de pesquisa, verifica-se um vasto conjunto de palavras, usadas por diversos autores como, Marques (2001), Post e Hohmann (2011), Portugal (1998), Borrás (2002), entre outros, quando se referem ao envolvimento entre a família e o contexto de JI, como por exemplo, a relação, a participação, o envolvimento, a parceria, a cooperação, a interação e a colaboração. Segundo Nunes (2004), a palavra colaboração “inclui noções de parceria, de partilha de responsabilidades e de participação, assentes na ideia de que o sucesso educativo de todos só é possível com a colaboração de todos” (p. 47). Para Davis (1994, citado por Homem 2002) o termo “parceria” adapta-se a uma “responsabilidade partilhada e sobreposta entre a família, a escola e as comunidades.” (p. 45). Isto é, tanto

o JI como a família devem projetar objetivos que proporcionem desenvolvimento e aprendizagem à criança.

O modelo de Epstein (1995) expõe o envolvimento dos pais partindo das relações entre o JI, os intervenientes e a família. Esta relação mostra a necessidade de haver uma parceria entre os pais e educadores/as, com intenção de cooperarem em simultâneo nas aprendizagens das crianças. Segundo Epstein (1995), este modelo abrange a comunicação e as informações que são trocadas pelos educadores/as, pelas famílias e pelas crianças, e tem diferentes particularidades que retratam seis tipos de envolvimento; O tipo 1 – Deveres básicos da família que dizem respeito aos comportamentos e ao bem-estar da criança em várias áreas como o desenvolvimento, a segurança e a saúde. O tipo 2 – Deveres básicos do JI que abrange a comunicação entre o JI e as famílias relativo à evolução e projetos das crianças. O tipo 3 – Colaboração das famílias em atividades ou eventos realizados no JI. O tipo 4 – Colaboração em atividades realizadas em casa, que incentivem o trabalho realizado no JI. O tipo 5 – Participação na tomada de decisões, passa pelo envolvimento das famílias, dos intervenientes do JI e da comunidade. O tipo 6 – Envolvimento e troca de ideias com as organizações da comunidade e partilha de responsabilidades para com as crianças.”

1.3 Estratégias do/a educador/a para proporcionar uma relação entre a escola e a família

Diversos autores apontam estratégias de melhoria à colaboração e cooperação dos pais com o objetivo de criar momentos de confiança e interajuda para promover um relacionamento estável e positivo entre os dois contextos.

Alves e Leite (2005, citados por Rodrigues, 2013) afirmam que partindo dos estudos que realizaram foram evidenciadas diversas estratégias para desenvolver a relação entre a escola e a família. Torna-se claro que a escola deve fazer todos os possíveis para proporcionar condições para receber os pais das crianças como convocar os pais a conhecerem o dia a dia nas salas, o funcionamento e a organização das rotinas e das atividades. Para Marques (2001) refere a importância dos/as educadores/as terem uma relação e uma comunicação positiva com todos os pais e para Gervilla (2008) existem estratégias potenciadoras da relação entre a escola e a família, como por exemplo, realizar reuniões nas horas mais acessíveis aos pais, de modo a que todos consigam estar presentes

e, no caso de haver algum pai mais distante tentar sempre marcar uma reunião recebendo-o da melhor forma possível, mantendo frequentemente o contacto com as famílias.

Outra estratégia para desenvolver a participação dos pais são as reuniões. Nestas o/a educador/a tem a possibilidade de elucidar alguma dúvida que os pais demonstrem em relação ao desenvolvimento da criança ou mesmo relacionada com o projeto educativo, entre outras. Além disso, nas reuniões é ainda provável promover a participação dos pais nas atividades propostas pelo JI. Matos (2012) refere neste sentido que a realização de reuniões permite comunicar às famílias a ação pedagógica e os resultados obtidos, deste modo torna-se possível um melhor entendimento das dificuldades e interesses das crianças, assim como a perceção do ambiente familiar da criança pelo/a educador/a.

A comparência dos pais na sala dos seus filhos é uma excelente maneira das famílias se relacionarem com o/a educador/a, e até mesmo, em certos casos, com as outras famílias e com as outras crianças, fazendo sentirem-se mais à vontade para colaborar em atividades propostas pelo/a educador/a.

Deste modo, segundo Formosinho (2000) “(...) as crianças beneficiam de sistemas de atenção e educação que estejam bem ligados entre si, cujas influências não se neutralizem ou curto-circuitem, mas que se completem mutuamente, proporcionando, no seu conjunto, oportunidades ricas e polivalentes” (p. 12), assim quanto maior for o empenho e o interesse das famílias e do/a educador/a, maior será a probabilidade de as crianças terem um sucesso educativo.

Uma das principais estratégias que o/a educador/a deve ter em conta é no tipo de linguagem que utiliza, pois, a linguagem utilizada na comunicação com os pais não deve ser muito diferente da linguagem utilizada pelos pais, isto é, deve ser simples, clara e prática com intenção de todos os pais compreenderem o que o/a profissional está a querer transmitir, isto porque alguns pais podem não perceber algum vocabulário mais técnico.

Segundo Matos (2012, citado por Batista 2013), a utilização de uma linguagem exclusiva e seletiva poderá dificultar a compreensão por parte dos pais. Isto pode provocar um afastamento na participação, na colaboração e no envolvimento em atividades realizadas no JI.

1.3.1. Metodologia de trabalho projeto entre o contexto educativo e a família

No seguimento da procura de diversidade de estratégias que permitem potenciar a relação entre o JI e a família, destaco a Metodologia de Trabalho de Projeto (MTP), visto ser considerada por vários investigadores como uma abordagem pedagógica que permite, veicula e desenvolve a proximidade entre estes dois contextos.

Para Vasconcelos (2006, p. 3), a MTP declara-se como “uma abordagem pedagógica centrada em problemas”, significando que, as dúvidas encontradas pelas crianças partem desta abordagem. Um dos principais objetivos deste tipo de metodologia é ter uma orientação, em que partindo de um interesse, questão ou situação, as crianças adquirem respostas às questões que colocam. Vygotsky (1978, citado por Vasconcelos, 2011b, p. 10), diz que perante esta abordagem, há um certo tema que é investigado ao pormenor, o que vai fazer com que a criança se movimente “para além do seu desenvolvimento”.

Segundo Katz e Chard (2009), um projeto pode dar início de diferentes maneiras. Alguns projetos começam quando uma ou mais crianças mostram vontade e interesse por algum tema, desta forma o/a educador/a deve ter em conta os interesses de todo o grupo e se considerar relevante e benéfico o interesse daquela criança deverá ter respeito e consideração pela sua escolha. Estes autores, (2009) afirmam ainda que uma das vantagens de um bom trabalho de projeto é tornar mais forte as capacidades e aptidões das crianças de forma a interessarem-se, ocuparem-se e envolverem-se numa investigação pormenorizada.

Ferreira (2009) refere que a MTP procura ter uma metodologia de ensino e aprendizagem baseada nos interesses das crianças, em que estas interagem de forma ativa, ajudando a aquisição de competências importantes para a sua aprendizagem e evolução. Mateus (2011) refere ainda que esta metodologia “está relacionada com uma visão interdisciplinar e transdisciplinar do saber. O grupo com o qual se está a concretizar o projeto é que vai definir as prioridades desse mesmo projeto, pois estes devem ser abertos, reajustáveis e flexíveis” (p. 5).

Nesta linha de pensamento, os projetos também devem motivar as crianças a adquirirem competências e capacidades ao nível pessoal e social porque “é importante que as crianças aprendam a ser cidadãs através dos projetos que realizam: sentido de pertença, de responsabilidade mútua e de solidariedade com os outros”. (Vasconcelos 2011b, p.18).

Deste modo, Vasconcelos (2011a) afirma que “Os projetos devem ser relevantes ética e culturalmente: os projetos são significativos para as crianças, trabalham na sua “zona de desenvolvimento proximal” (Vygotsky, 1978) e provocam pesquisas estimulantes, não apenas para as crianças, mas para os adultos que com elas interagem. Estes projetos têm relevância social e cultural, têm conteúdo ético e estético, promovem nas crianças um sentido de responsabilidade social, criam dissonâncias cognitivas, educam o sentido de pesquisa e de inovação.” (p.15)

A mesma autora (2011b); acrescenta ainda que a MTP está dividida em quatro momentos: a definição do problema; a planificação e desenvolvimento do trabalho; a execução; e a avaliação e divulgação.

Nesta metodologia, o trabalho cooperativo ocorre entre os vários intervenientes, segundo Silva (2005), “mesmo durante a realização do processo, as experiências de aprendizagem podem ser enriquecidas através de múltiplas interações, quer com outros grupos de crianças e professores, quer com outros adultos” (p.62).

Para Costa e Pequito (2007), esta metodologia aparece “como uma ferramenta que permite oferecer oportunidades de participação a todas as crianças” (p.108), como os principais agentes ativos neste processo, mas apelando à colaboração e participação das famílias.

Katz e Chard (2009), consideram a participação dos pais neste processo um aspeto muito importante, pois esta metodologia proporciona na concretização dos seus objetivos o envolvimento da família no processo. Para além disso, a participação e o envolvimento das famílias trarão grandes benefícios para a educação das crianças. Deste modo, os pais podem participar de diversas maneiras, como abordar as crianças sobre o tema do projeto e conversar sobre o mesmo, se bem que, “os temas dos projetos são provavelmente do conhecimento dos pais, eles podem facilmente conversar sobre as suas experiências pessoais e os seus conhecimentos com os filhos” (p.157). Os pais deverão ter uma participação espontânea, mas mesmo assim o/a educador/a poderá encorajá-los para que isso aconteça. Segundo Silva (2005), para o envolvimento das famílias ser possível é essencial “que os pais sejam, desde o início, informados da realização do projeto e convidados a participar” (p.62). Para a autora outra forma de os pais participarem nos projetos é promover algumas conversas com as crianças no decorrer do projeto, fazendo questões como, em que fase do projeto, estão? o que já aprendeste do que pesquisaram?

Que atividades já fizeram? Estas questões permitem manter as crianças concentradas e atualizadas.

Para Silva (2005), as questões sobre o projeto não devem ser apenas efetuadas às crianças, mas também aos/às educadores/as. Da mesma forma a “comunicação desempenha um papel importante, sendo fundamental devolver aos pais o que as crianças fizeram a partir das suas contribuições” (p.62). Por último, os pais podem, sempre que quiserem, ajudar no decorrer do projeto, colaborando e ajudando com os seus conhecimentos e saberes.

1.4 As vantagens e eventuais desvantagens de uma relação positiva entre o JI e a família para as crianças

Diversos estudos indicam que a relação entre o JI e a família traz benefícios para o desenvolvimento escolar das crianças. Segundo Silva (2003), “uma maior responsabilização dos pais no processo educativo dos seus educandos, tem resultados positivos para estes, daí advenientes, para além de uma valorização social das famílias, sobretudo as de meios populares, a partir da imagem que lhes é devolvida pela instituição escolar” (p. 28).

Para além disso, segundo Marques (2001) a participação dos pais na vida escolar dos seus filhos aumenta a motivação deles no seu dia a dia, o que também vai ajudar os pais a conhecer o trabalho que é realizado pelos/as educadores/as e ainda os ajuda a desempenhar as suas funções. Portanto, o envolvimento parental é muito importante para o processo de ensino aprendizagem das crianças e segundo este mesmo autor, “estudos realizados (...) nas últimas três décadas mostram que, quando os pais se envolvem na educação dos filhos, eles obtêm melhor aproveitamento escolar” (p. 19).

Sousa e Sarmiento (2010) afirmam que “o sucesso educativo (...) está positivamente relacionado com a forma como a escola e a família encaram e desenvolvem essa missão comum” (p. 148). Alves e Leite (2005) têm a mesma ideia, a participação e colaboração entre o JI e a família requer tempo, empenho e persistência com o objetivo de promover um processo de ensino aprendizagem positivo com intenção de melhorar o trabalho realizado pelas crianças.

Segundo Gervilla (2008), existem algumas vantagens na cooperação dos pais, e para esta autora é fundamental que os pais colaborem na vida escolar dos seus filhos com o propósito de estarem mais empenhados e atentos às suas necessidades.

Fernández (2011 citado por Barradas, 2012) aponta algumas vantagens do envolvimento parental para as crianças, para a instituição e para as próprias famílias. As vantagens para as crianças são a melhoria do sucesso escolar; a melhoria da atitude em relação à escola; obtêm mais aptidões sociais; evolui a possibilidade de continuar na escola; melhores hábitos de trabalho; menos agitações e revoltas. Por último, mas não menos importante, as vantagens para a família são melhoria na participação e comunicação dos intervenientes educativos; melhoria na relação e comunicação com os seus próprios filhos; melhor entendimento sobre os planos e projetos escolares; maior conhecimento sobre a instituição; evolução da autoestima e da segurança; evolução da obrigação social.

Segundo Marques (2001), existem algumas desvantagens, mas não são insuperáveis, como por exemplo, aqueles pais que vivem nas cidades grandes e vão de transportes para o trabalho ficam sem disponibilidade para comparecerem na escola nas reuniões, festas ou momentos de atividades em grupo, desta forma conversam com o/a educador/a por telefone, o que nunca será a mesma coisa que falar pessoalmente ou estar presente no jardim de infância nas reuniões ou festas (p. 28).

Capítulo II: Problemática e Opções Metodológicas

1. Caracterização do contexto de estágio

1.1. Da instituição

A instituição onde realizei a Prática de Ensino Supervisionada (PES) em JI é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) fundada a 31 de julho de 1878. É uma instituição que integra duas valências a Creche e o JI representado por três salas com crianças entre os 3 e os 5 anos.

A instituição apresenta-se como um espaço grande e arejado, bem definido com uma entrada espaçosa onde os pais e filhos são acolhidos por um adulto a partir das 8 horas. Caso cheguem mais tarde dirigem-se à sua sala para deixar a criança com a educadora ou auxiliar e restantes crianças. No piso da entrada podemos encontrar as três salas de Creche e uma sala de reuniões onde as educadoras se reúnem com os pais das crianças, com uma hora marcada, para conversarem sobre o comportamento, e desenvolvimento do seu filho, principalmente, durante o dia na sala. Na sala da diretora, são realizadas reuniões com os pais com um carácter mais formal e específico, como por exemplo, possíveis entradas de novas crianças, pagamentos, assuntos mais importantes, entre outros. Ainda neste piso encontramos o refeitório onde, por vezes, são realizadas as festas de aniversários das crianças com a presença dos pais e um bolo para cantar os parabéns, sumos de fruta sem gás e um saquinho com uma lembrança da/o aniversariante para cada criança.

Segundo o regulamento interno, esta instituição não se baseia em nenhum modelo curricular específico, mas sim em vários, segundo uma abordagem mais naturalista, construtivista e desenvolvimentista.

A partir destas metodologias são planeadas formas de intervenção e de interação entre as crianças e os adultos, estes adultos não incluem apenas a educadora e a auxiliar, mas também os pais/famílias das crianças.

A partir das 16h30 os pais/avós começam a ir buscar as crianças à instituição, que fecha às 19 horas. Normalmente são duas das auxiliares que se encontram à entrada a receber os pais e a entregar as crianças. Alguma informação que seja importante transmitir aos pais são as auxiliares que o fazem.

1.2. Da sala

A sala onde estagiei encontra-se no primeiro piso que tem acesso ao sótão da instituição. É uma sala grande, espaçosa, com três grandes janelas que dão uma luz natural à sala. Dentro da sala há uma casa de banho de apoio com uma janela, duas sanitas e dois lavatórios.

A sala está estruturada com áreas bem definidas, promotoras de oportunidades de aprendizagens, com materiais diversos, estimulantes e desafiadores, dividida em 9 grandes áreas de interesse: a área da casinha (mercearia, cozinha, roupas,...); área da garagem (pistas de comboios, carros / comboios / camiões, animais de plástico,...); área dos jogos (puzzles, jogos de encaixe e construção, dominós, jogos de memória,...); área da construção (legos grandes e pequenos); área da leitura (onde existem dois pequenos sofás e duas pequenas estantes com diversos livros a que crianças têm total acesso), a área da plástica (onde realizam desenhos, colagem,...), a área do computador (computador, colunas), a área da musica (rádio, CD`s,...) e a área do tapete. A zona central da sala é ampla e espaçosa para que as crianças possam circular livremente e realizar brincadeiras, escolhendo e explorando o seu próprio espaço.



Figuras nº 1 / 2 / 3 – Ambiente da sala

O ambiente da sala é bastante dinâmico e cheio de vida, pois é constituído por um grupo de 22 crianças entre os 3 e os 5 anos, uma educadora e a auxiliar, que potenciam um ambiente saudável, sempre atentas às necessidades de cada criança estabelecendo com o grupo uma relação muito positiva.

O Projeto Curricular de Grupo (PCG) desenvolve-se a partir das necessidades de cada criança. Na construção deste Projeto e nas dinâmicas trabalhadas podemos encontrar diferentes modelos. O Movimento de Escola Moderna (MEM), que visa apoiar a organização do ambiente educativo e transmitir às crianças segurança, autonomia e

identidade, como por exemplo o mapa dos responsáveis do dia e o mapa das presenças. A MTP que parte da descoberta pessoal da criança em conjunto com a meditação da educadora E., as crianças constroem o seu conhecimento através das suas próprias descobertas. Estes projetos surgem de forma natural em momentos de conversa, dos interesses das crianças e da avaliação e reflexão do adulto; a Pedagogia de Situação também é usada, tirando o melhor e maior partido das propostas que surgem por parte da criança, tendo em conta a sua curiosidade que a leva à descoberta do mundo que a rodeia.

O conhecimento de diferentes teorias e de diversas referências pedagógicas são uma grande ajuda para todo o processo educativo. Assim, a prática educativa é mais completa e adequada às diferentes necessidades que cada criança tem, contribuindo com aprendizagens enriquecedoras.

Em relação à rotina da sala, posso dizer que é bastante ativa. Entram na instituição a partir das 8 horas da manhã, alguns pais deixam os filhos logo às 8 da manhã para irem trabalhar. Entre as 8 e as 9 brincam livremente, entre as 9 e as 11h40 são realizadas a reunião do bom dia no tapete, as atividades em sala e a brincadeira livre. Habitualmente as crianças entram na sala até às 9h30. Aquelas crianças que chegam às 9h30 são deixadas na sala pelos pais, e nesse momento surge uma interação entre a educadora e os pais, sobre a criança. Por volta das 11h45 começam a fazer a higiene para irem almoçar às 12h. Depois do almoço, por volta das 12h45, o grupo segue para o recreio para brincar livremente até às 13h45, (se estiver muito frio no recreio ou a chover vão para a sala dos 3 / 4 anos). Entre as 13h45 e as 15h45, ouvem uma história (na Sala dos 3 / 4 anos) e às 14h seguem para a sua sala, onde realizam atividades e brincam livremente pelas áreas até voltarem a fazer a higiene antes do lanche às 16h. Entre as 16h30 e as 17h brincam livremente no recreio ou seguem para as atividades extracurriculares, sendo elas, Biodança (Segundas entre as 16h10 e as 16h50), Música (Terças entre as 14h e as 14h30), Inglês (Quartas entre as 16h50 e as 17h30), Filosofia e Literacia (Quintas, a filosofia - 3 aulas por mês e a literacia 1 aula por mês entre as 15h e as 15h30) e o Yoga (Sextas entre as 16h10 e as 16h50).

1.3. Do grupo

Tal como já foi referido estagiei numa sala de JI com um grupo de 22 crianças com idades entre os 3 e os 5 anos. No geral, este grupo mostrou grande interesse nas atividades e propostas realizadas tendo preferências por histórias, atividades de expressão plástica e canções apesar de haver alguma diferença entre as crianças que se mantêm atentas durante a atividade e as outras que facilmente se distraem e perdem o interesse. Algumas crianças demonstravam ter dificuldade em brincar e explorar as diferentes áreas de interesse, uma vez que circulavam de área em área com muita facilidade permanecendo pouco tempo em cada uma. Posso referir que no percurso do meu estágio houve uma grande evolução da parte dessas crianças, pois começaram a prestar mais atenção, ganharam mais confiança nas brincadeiras nas diferentes áreas e mesmo nas interações com as outras crianças. Algumas crianças do grupo brincavam muito sozinhas, mas ao longo do tempo começaram a soltar-se mais e no final do estágio brincavam, falavam, interagem, espontaneamente, com as outras crianças revelando vontade e iniciativa.

Nas brincadeiras de exterior, as crianças gostavam de correr e dar largas à sua imaginação, de brincar com vários brinquedos do recreio e com aqueles que traziam de casa, mas também brincavam muito com as crianças das outras salas de JI.

A maioria das crianças evidenciou autonomia na satisfação das suas necessidades básicas, no entanto um pequeno grupo que necessita da ajuda do adulto, quer na higiene quer no almoço. Mais uma vez, no decorrer do estágio houve muita evolução da parte das crianças mais velhas da sala, em relação tanto à higiene como ao almoço. No geral, segundo a grelha de observação de Portugal e Laevers (2010), o grupo gostava e esteve sempre pronto a ajudar o adulto nas tarefas em sala. Partindo desta grelha também pude adquirir algumas opiniões das crianças em relação ao que mais gostam, ao que menos gostam e ao que gostavam que mudasse relativamente aos seus interesses e desejos. Algumas crianças mostram grande satisfação em brincar nas diferentes áreas da sala, principalmente nas áreas da casinha, dos jogos e dos fantoches, outras gostavam mais de brincar no recreio à apanhada e ao macacaquinho do chinês. Relativamente aos aspetos que menos gostaram, apenas uma criança respondeu “Não gosto muito dos mais pequenos porque não consigo brincar com eles.” Em relação aos desejos deste grupo de crianças, uma delas (5 anos), disse “Gostava que houvesse uma televisão na sala para jogar consola!”, este desejo podia ter sido conversado com todo o grupo de maneira a saber as opiniões das outras crianças, e mesmo dos adultos da sala.

Neste grupo não existia nenhuma criança com necessidades educativas especiais até janeiro deste ano, pois em fevereiro entrou uma criança com transtornos do Espectro Autista, além disso, havia apenas uma criança com terapia da fala em ambiente exterior ao JI.

1.4. Do exterior

O espaço exterior usado pelo grupo da sala é também usado pelas crianças das outras duas salas de JI. É um espaço bastante grande que permite a todos explorarem de livre vontade, correrem uns atrás dos outros, de um lado para o outro, fazerem os barulhos que quiserem, falarem mais alto, situações estas que não puderam acontecer no interior da instituição. Segundo Hohmann e Weikart (2009) “o tempo no exterior permite às crianças expressarem-se e exercitarem-se de forma que habitualmente não lhes são acessíveis nas brincadeiras de interior” (p. 433).

Sempre que o tempo o permitia, as crianças passavam um grande período no recreio a brincar livremente, em grupo ou individualmente. Realizei também atividades de movimento com o grupo de crianças, como por exemplo, uma gincana partindo de um livro chamado “Onde vivem os monstros”, posso dizer que foi uma atividade que todas as crianças gostaram muito, realizei também alguns jogos, como por exemplo, o macaquinho do chinês.

No espaço exterior eram realizadas, as festas do jardim de infância; as festas de final de ano, de natal, do magusto e, de vez em quando, as festas de aniversário e outros dias festivos.

2. Identificação da problemática

O uso da observação (participante e não participante) foi essencial neste estudo para adequar as propostas às necessidades das crianças. Tal como salientam Portugal e Laevers (2010), partindo das tentativas e experiências das crianças, percebem-se quais os interesses e as necessidades de cada uma. A observação das brincadeiras livres das crianças, ou mesmo aquelas brincadeiras mais orientadas, permitem a reflexão sobre o que foi observado, de forma a entender o que se pode realizar, como realizar, e principalmente, compreender o que não está bem e precisa de ser melhorado no contexto onde as crianças se encontram.

Foi possível atribuir-se uma medida de bem-estar e envolvimento às crianças, individualmente. Esta conclusão foi possível através da utilização do método da observação, enquanto utensílio metodológico com ajuda das Escalas de Observação do Bem-Estar e Envolvimento/Implicação de Portugal e Laevers (2010).

Esta temática, a relação entre o JI e a família, foi a minha escolha porque é um assunto que tem muita importância na minha profissão como educadora, sendo assim, partindo das questões orientadoras, que se encontram descritas abaixo, e de momentos pelos quais passei em estágio e fizeram-me querer saber mais. Pretendi investigar que estratégias devo utilizar para que os pais participem e colaborem no dia a dia dos seus filhos e saber como desenvolver uma comunicação boa e segura que irá possibilitar uma relação positiva com o JI e seus intervenientes, tentando perceber os benefícios que trás ou não para a vida das crianças.

No decorrer da prática observei a relação/comunicação da educadora com alguns pais, no período da manhã, quando chegavam à instituição para deixar os filhos e da parte da tarde, no momento de os ir buscar. Conversavam sobre os comportamentos e certas atitudes que as crianças tiveram ao longo do dia; sobre as atividades que fizeram, se correu tudo bem ou se houve algum problema ou algum assunto que fosse necessário abordar.

2.1. Questões orientadoras

Pretendo investigar quais as estratégias que possibilitam a comunicação e uma relação positiva entre o jardim de infância e a família. Pretendo também obter mais informação sobre o modo como envolver os pais no dia-a-dia dos seus filhos.

1. Que estratégias podem ser utilizadas em jardim de infância para promover a participação e o envolvimento das famílias?
2. Uma relação positiva entre a família e o jardim de infância traz benefícios para as crianças na vida do JI?
3. O que dizem os pais sobre o seu envolvimento no dia a dia dos seus filhos? O que dizem as crianças ao observarem o interesse dos pais?
4. De que forma poderá o jardim de infância envolver as famílias/os pais?

2.2. Objetivos

Com estas questões pretendo alcançar os seguintes objetivos:

- . Conhecer a relação existente entre o JI e a Família
- . Fazer um levantamento das estratégias utilizadas para potenciar esta relação
- . Adquirir mais confiança na minha intervenção junto das famílias/pais
- . Desenvolver uma relação positiva e comunicar adequadamente com as famílias/pais no percurso do estágio

3. Tipo de estudo

3.1. Investigação de cariz qualitativo

O tipo de estudo utilizado foi um estudo com características muito semelhantes a intervenção – ação pois foi através da minha prática e das minhas propostas de atividades que pretendi alcançar os objetivos/resultados propostos, isto é, ao realizar atividades com o grupo de crianças fi-lo em conjunto com os pais. Foram implementadas atividades realizadas na sala, com a minha presença, e atividades realizadas em casa de cada criança com os seus pais. Segundo Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira & Vieira (2009), “a Investigação-Ação, não é uma metodologia de investigação sobre a educação, mas sim uma forma de investigar para educação” (p. 376)

A metodologia utilizada na construção deste Relatório recorreu, uma investigação qualitativa.

Este tipo de investigação procura a perceção de espaços exclusivos, tentando entender algumas atitudes, ações ou princípios. Sendo o importante desta investigação perceber as opiniões, afirmações, perceções transmitidas pelos participantes ligando aos comportamentos observados no contexto educativo (Schensul, 2008), ou seja, baseada numa investigação qualitativa fui tentando fazer uns apontamentos com intenção de compreender melhor determinadas situações e algumas atitudes, da parte dos pais, das educadoras e das crianças e da relação que existe e/ou deveria existir entre estes intervenientes.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), na investigação qualitativa os dados são adquiridos através das observações diretas de situações, de forma a obtermos a informação que

pretendemos. Para os mesmos autores Bogdan e Biklen (1994 citados por Tuckman (2005), a investigação qualitativa tem cinco principais características:

1. O instrumento principal da recolha dos dados é o investigador.
 2. Descrever é a primeira preocupação e só depois é que se analisa os dados adquiridos.
 3. Todo o procedimento é importante e essencial, desde aquilo que aconteceu, como aconteceu até ao resultado.
 4. Os dados adquiridos são explorados e avaliados de forma clara.
 5. Define principalmente o significado que se dá às coisas, partindo do “quê” e do “porque”.
- (p. 507)

Nesta investigação não existem números nem cálculos, é uma investigação descritiva, os dados são obtidos em forma de fotografias/imagens ou palavras que adquirem uma certa relevância na investigação qualitativa tanto para a anotação de dados como para a divulgação dos resultados, ou mesmo no recurso a fotografias/imagens.

Para Minayo (2001), este tipo de investigação poderá ser censurada pelos positivistas por existir envolvimento emocional do investigador e subjetividade; no entanto a mesma autora refere que de acordo com o fim deste tipo de investigação é exatamente a compreensão de diversos significados, razões, valores, comportamentos e convicções, o que corresponde a uma dimensão mais intrínseca dos fenómenos e das relações, isto é, nas ciências sociais é intenção primeira conhecer as relações e fenómenos no contexto onde se inserem.

Penso que o estudo que executei tem grandes semelhanças com uma investigação ação, visto ter pretendido perceber melhor como devemos promover uma relação positiva entre a família e o JI, quais as estratégias que poderei utilizar como futura profissional, entre outros aspetos. Neste sentido ao propor o desenvolvimento de um conjunto de atividades com a intencionalidade de envolver as famílias; no decorrer deste processo, foi possível observar, analisar e compreender os comportamentos das famílias.

Fiz, também uma pesquisa intensa sobre este tema, tomei atenção às ações das educadoras, interagi com as crianças e realizei atividades juntamente com a educadora. No final de cada atividade fiz uma reflexão sobre os resultados, explicitando o que era mais importante melhorar.

Deste modo, a minha intervenção começou por ser centrada na observação do trabalho da educadora e nos comportamentos das crianças, com a intenção de considerar e refletir sobre cada situação que ia observando.

As minhas reflexões ajudaram a delinear as intervenções, tentando sempre que fossem apropriadas ao desenvolvimento/aprendizagem das crianças e adequadas ao contexto educativo.

4. Instrumentos utilizados

Os instrumentos de recolha de informação utilizados foram: a observação participante e não participante; observações sob a forma de notas de campo; os questionários semiestruturados aplicados aos pais e as educadoras; as entrevistas semiestruturadas realizadas às crianças do JI da instituição, da sala onde efetuei a PES e os registos fotográficos efetuados no decorrer do estágio.

4.1. Questionários

Segundo Gil (2008) os questionários circunscrevem uma série de perguntas de um determinado assunto em que as pessoas questionadas terão de responder por escrito, com a intenção de ficar a saber as suas opiniões, atitudes, sentimentos, interesses e experiências pessoais. Os questionários são usados para se obter uma informação natural das pessoas questionadas, que depois se transformam em dados capazes de serem analisados. Têm como objetivo adquirir informações sobre os desejos, os pensamentos, as opiniões, as atitudes e os interesses dos questionados, e não as suas aprendizagens, os seus conhecimentos, as suas necessidades e comportamentos. Também passa pela facilidade com que se questiona um grande número de pessoas, num curto espaço de tempo. Segundo Ludwig (2009), os questionários são instrumentos capazes de reunir dados que não podem ser conseguidos através da observação.

Para Andrade (2009), o pesquisador remete o questionário ao questionado, pelo correio ou por outra pessoa, depois de preenchido, o questionado devolve-o da mesma forma. Juntamente com o questionário deve-se enviar um pequeno texto a explicar a razão pela qual se está a realizar esta pesquisa, sua relevância e a necessidade de obter respostas às perguntas colocadas, tentando ativar a curiosidade do questionado, com intenção que este responda e entregue o questionário dentro do tempo estipulado. As perguntas devem ser

precisas e claras, a linguagem usada deve ser o mais natural e fácil possível, com vocabulário apropriado aos questionados.

O mesmo autor (2009), afirma que o questionário tem as suas vantagens e desvantagens. Algumas das vantagens são, economizar o tempo, as viagens e ter um elevado número de dados; vai alcançar um maior número de pessoas conjuntamente; conseguimos respostas mais rápidas e mais concretas e uma maior liberdade nas respostas, devido ao anonimato, entre muitas outras vantagens. Algumas das desvantagens são a percentagem pequena dos questionários que voltam; o grande número de perguntas sem respostas; não pode ser aplicado a pessoas analfabetas; torna-se impossível de ajudar o questionado em questões mal compreendidas, entre outras.

Os questionários que utilizei neste estudo foram realizados a partir de outros questionários aplicados em outras teses, tais como; “A relação entre escola e família – As suas implicações no processo de ensino-aprendizagem” e “A relação escola – família no pré-escolar: Contributos para uma boa compreensão”. Realizei uma leitura e uma reflexão pormenorizada sobre a construção de um questionário adequado aos pais, partindo de teses sobre a EPE. Conversei com a educadora da sala e com as supervisoras da PS com a intenção de perceber se as questões elaboradas eram as mais adequadas. Na construção dos questionários tentei sempre utilizar uma linguagem acessível, para que fossem compreendidos por pais e educadores/as.

Estes questionários (anexo 2), têm questões abertas e fechadas. Em relação às questões com respostas abertas oferecemos aos pais a possibilidade de desenvolverem a sua opinião em relação às perguntas colocadas. Nas questões com respostas fechadas o pai simplesmente tem de colocar uma cruz numa das respostas já pré-estipuladas.

No decorrer da construção deste questionário tive a preocupação de não colocar perguntas demasiado pessoais, evitando desconfianças e timidez. Ao elaborarmos perguntas mais pessoais podemos correr o risco de obter respostas falsas, devido ao medo de se exporem demasiado. Independentemente de as questões serem ou não mais pessoais, todos os questionários devem ser sempre anónimos, sem qualquer identificação do indivíduo questionado.

O questionário começa com um pequeno texto de introdução a explicar o que pretendo adquirir com este instrumento. Está dividido em duas partes. Na parte A, encontra-se apenas os dados pessoais dos pais, inclui vários indicadores como a idade, as habilitações

literárias, o grau de parentesco e a profissão. Na parte B, analisa-se questões relacionadas com o envolvimento e a colaboração entre o JI e a família, com a intenção de saber a opinião dos pais em diversos aspetos como por exemplo, com que frequência os pais se dirigem ao JI, se participam habitualmente nas atividades realizadas em sala, como é a relação e a comunicação com a educadora, entre outras questões.

O questionário para as educadoras de JI começa também com um texto introdutório e está constituído por seis questões de resposta aberta, para poderem dar a sua opinião sincera e o mais desenvolvida possível. Um dos objetivos é percebermos o que cada educadora pensa em relação ao envolvimento dos pais; quais são as estratégias que cada uma utiliza para motivar esse envolvimento; qual o impacto que o envolvimento e a relação entre o JI e a família podem ter nas crianças, entre outras questões.

4.2. Entrevistas

Segundo Rosa e Arnoldi (2006) “a entrevista é um dos processos de recolha de dados com mais eficiência para adquirir respostas e conhecimentos, de uma forma mais completa, sem perder tempo e sem gastar energia” (p.17).

Selltiz (1965), afirma que a entrevista, para além do seu objetivo geral, pode ter ainda seis tipos de objetivos, sendo estes: a observação dos “factos”, a averiguação de “opiniões”, a observação de “sentimentos”, a observação de “atitudes”, a averiguação das “decisões” e a observação das “motivações”. Infiro assim, que é importante ficar a saber os factos que influenciaram a pessoa entrevistada a ter aqueles comportamentos, aquelas decisões e as razões referidas pela mesma.

Ribeiro (2008) declara que “a entrevista é a técnica apropriada para o investigador obter a informação que pretende, e assim vai conseguir ficar a conhecer o porquê de certos comportamentos, os seus sentimentos e valores” (p. 141).

O tipo de entrevista utilizada neste estudo é a entrevista semiestruturada, também conhecida como entrevista semidirigida. Para Gillham, (2000); Kvale (1996); Bogdan e Biklen (1994); Quivy e Campenhoudt (1998), entre outros, uma das principais vantagens de se usar uma entrevista semiestruturada é a rapidez, a liberdade de resposta e o facto de não ser necessário uma grande preparação por parte dos entrevistadores. O entrevistador segue um guião estruturado numa ordem lógica, constituído por algumas perguntas predefinidas e onde vai inserir o que para ele for mais importante, o que vai facilitar e captar a informação desejada de forma rápida.

Com este tipo de entrevista consegue-se obter diferentes respostas de diferentes pessoas, com o objetivo de verificar as suas diferenças Sousa (2009).

Segundo Milne (1996), devemos ter certos cuidados em relação à participação das crianças no decorrer de um trabalho de investigação, como por exemplo, no que concerne à privacidade da criança ou mesmo, a vontade da criança em querer ou não participar na investigação. Se quiser participar vai implicar que tenham certo tipo de competências para alcançar um resultado positivo no desenrolar da investigação. “A participação não é uma campanha política que coloca as crianças em primeiro lugar, tal como propõem os teóricos da libertação, mas sim um processo de construção de uma sociedade inclusiva para os cidadãos mais novos.” (p. 41).

Como educadores/as temos o dever de perceber as crianças, não só pelo que dizem, mas também pelos seus comportamentos e atitudes. Segundo Moss (2003, citado por Cardoso, 2010) “ouvir a criança, mesmo na pré oralidade, é um processo no qual necessitamos de estar abertos e atentos aos inúmeros e criativos modos como as crianças expressam os seus pontos de vista e experiências” (p. 4). Ouvir as crianças não é fazer com que elas falem connosco nas alturas que queremos e precisamos, nem as obrigar a colaborarem naquilo que queremos. O ouvi-las, quer dizer, considerar e respeitar o que elas querem. Assim, segundo Portugal (*sd*) “pensar a criança como aprendiz activo significa reconhecer a sua necessidade incessante de novas experiências” (p.17).

A construção da entrevista que elaborei às crianças começa com um texto introdutório a explicar o que era pretendido na entrevista. Pesquisei várias entrevistas em diferentes teses e artigos científicos, que no final deram-me uma ajuda na construção da entrevista que realizei. Tive o cuidado de não colocar perguntas muito complicadas com o objetivo de me responderem facilmente, acabando por elaborar questões que tinham a ver com a relação delas com os pais na participação em trabalhos no JI, na deslocação dos pais à sala para a realização de atividades ou brincadeiras, perguntei também se conversavam com os pais sobre o dia que passaram no JI e ainda coloquei duas perguntas sobre as atividades que realizei com o grupo de crianças no período que lá estive.

4.3. Observações

Outro dos instrumentos utilizados para recolha da informação foram as observações, que para Esteves (2008, p. 87), vai permitir que, aquilo que acontece exatamente num

determinado espaço seja diretamente observado e assim vai ser mais fácil perceber o ambiente, as pessoas que ali estão e as relações entre elas.

A observação vai depender da função que o investigador quer ter. “Do observador isento, que se torna parte do “papal de parede” e toma os seus apontamentos até à observação plena e participante, na qual o investigador se torna quanto possível membro do grupo que quer estudar” (Walsh, Tobin & Graue, 2010, p.1058).

Enquanto estive com o grupo de crianças fui tentando realizar observações participantes e não participantes, achando sempre as observações participantes mais importantes, deste modo foi mais complicado escrever as observações participantes devido à atitude que escolhi ter de participação mais ativa e plena.

Segundo Creswell (2007), o observador elabora um registo das notas de campo partindo de atitudes, comportamentos e atividades que observa. Este método de recolha de dados, apresenta vantagens e desvantagens. As vantagens dividem-se em quatro pontos: experiências diretas com os participantes; informações descritas no momento; deteção de aspetos menos relevantes na observação, por último, a observação pode facilitar a investigar de tópicos menos confortáveis para os participantes. As desvantagens consistem também em quatro pontos: o observador pode ser considerado invasivo; deve manter as informações confidenciais; pode não ter a vocação precisa para observar, e por último, alguns participantes podem não querer responder a determinadas questões.

4.3.1 Notas de campo

Para além das observações também realizei Notas de Campo (NC), que são considerados pequenos registos tirados de observações feitas. Esteves (2008, p.88) realça que as NC abrangem notas em relação aos sentimentos, ideias, questões e sensações que aparecem durante a observação feita ou apenas depois de a ler. Durante uma observação que fiz, do encontro de uma criança com a sua mãe, observei a postura e a expressão da criança e da mãe, a forma como a educadora interagia com ambas e a reação da criança perante a interação dos dois adultos.

Segundo Gray (2012), as NC são um meio bastante utilizado e muito importante para a observação. Poderão surgir algumas dificuldades na construção de notas de campo pormenorizadas e necessárias para que sejam o mais verdadeiro e genuíno possível. Estas notas de campo devem ser escritas num Diário de Bordo logo no momento a seguir ao aparecimento para não nos esquecermos de nada.

O Diário de Bordo (DB) é um ótimo instrumento para registrar diversos acontecimentos e procedimentos da investigação. Para não nos esquecermos de nenhum aspeto importante, o DB, segundo Vázquez e Angulo (2003), “é um instrumento onde vamos apontando diversos pontos e experiências dos diversos momentos que não queremos esquecer. O diário não mostra apenas dados formais e concretos, mas também sensações, preocupações, fracassos e decisões da pessoa que está a investigar.” (p.39)

Para Rodríguez, Flores e Jiménez (1999), o DB é um instrumento onde refletimos e analisamos diversos pontos que consideramos importantes e onde o investigador vai registando tudo aquilo que acha pertinente, desde NC a reflexões sobre o que vê e ouve, ou seja, realiza registos de observação direta, podendo também existir grelhas de observação onde os registos são feitos de forma mais organizada possível.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), o DB é uma “descrição regular e continua e um comentário reflexivo sobre os acontecimentos da sua vida.” (p. 177), ou de acordo com Bolívar, Domingo e Fernández (2001, p. 183) o “Diário é um registo reflexivo de experiências (pessoais e profissionais) e de observações ao longo de um determinado período de tempo. Inclui opiniões, sentimentos, interpretações, etc.”

4.4. Registos fotográficos

Com a utilização de fotografias podemos perceber de uma forma mais precisa, algumas das informações que estão descritas. É uma maneira mais fácil de entender o que realmente aconteceu, por exemplo em relativamente às atividades realizadas com os pais. Em realce à caracterização da sala, a partir de registos fotográficos podemos ter uma visão mais realista que vai ajudar a compreender o que lá está escrito.

Oliveira (2008) afirma que ao vermos a fotografia de um momento vivenciado, podemos lembrar alguns detalhes desse momento, até mesmo lembrar aspetos que não estão diretamente presentes na fotografia, como as pessoas que estavam presentes naquele momento, mas não estão presentes na fotografia ou até mesmo a cor de um objeto que recordamos, ou o cheiro de um perfume que alguém tenha usado. Podemos sentir diversos tipos de emoções e sentimentos só de observar uma fotografia. (p. 20)

Para Rose (2012), uma imagem é um produto complicado, pois convém que estejam claramente relacionadas com a pesquisa que realizamos e com as notas de campo que temos para evitar a inexistência de contexto.

4.5. Análise de conteúdo e respetivas dimensões

Tendo esta investigação um cariz qualitativo assume-se uma dimensão interpretativa das questões elaboradas face ao objeto de estudo. Neste sentido para analisar a informação recolhida recorri à análise de conteúdo e às etapas que lhe são inerentes.

Para Bardin (1994) a análise de conteúdo é uma ferramenta de análise da informação que pode ser utilizada na investigação de cariz quantitativo e qualitativo. Esta análise pode ter aplicações diferentes de acordo com o tipo de investigação. Na investigação quantitativa a análise da informação é realizada tendo em conta a frequência demonstrada nas várias características do conteúdo a analisar. Para a investigação qualitativa pretende-se verificar, analisar a informação de acordo com a presença ou a ausência de um dado conjunto de características. Desta forma, a análise da informação recolhida irá depender do tipo de investigação e dos objetivos do estudo.

O mesmo autor refere que a análise de conteúdo recorre a três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Na primeira fase elabora-se um esquema de trabalho preciso e bem definido, mas flexível, inicia-se a organização do material recolhido em categorias, esta estrutura de codificação ainda não corresponde à versão final. A segunda fase diz respeito à execução das decisões tomadas anteriormente são definidas as categorias de análise. Na terceira fase é realizada a análise/ interpretação das unidades de conteúdo que compõe cada uma das categorias para tornar possível a leitura e interpretação da informação.

Capítulo III: Análise reflexiva decorrente da Prática Supervisionada

1. Introdução à intervenção pedagógica

A PS decorreu entre 12 de outubro a 25 de janeiro, no ano letivo de 2017/2018 e estava dividida em várias fases.

Nesta sala trabalhei e colaborei com a educadora cujas funções entre outras é estabelecer contacto com os Pais no sentido de haver uma ação educativa integrada, realizar planificações das atividades todas as semanas, acompanhar o dia – à – dia das crianças, seguir e realizar um plano pedagógico e apoiar nas rotinas.

A minha prática consistia em participar, interagir e auxiliar no dia a dia das crianças e nas suas rotinas. Foi-me possibilitado também assistir à reunião de pais na qual participei e estive presente no convívio de natal que realizámos com os pais e em algumas festas de aniversário.

A partir de um determinado momento do estágio comecei a ter mais contacto com os pais criando uma relação com as famílias de cada criança, que passo a explicitar no ponto seguinte.

2. Prática desenvolvida

2.1. No contacto com as famílias e participação dos pais

Numa 1ª fase da PS foi-nos pedido que fizéssemos uma observação não participante com o objetivo de conhecer as rotinas da sala, a equipa pedagógica, o grupo de crianças e suas famílias, com intenção de me integrar e de me relacionar da melhor maneira com todos. Durante este período tive a oportunidade de observar a participação dos pais, no decorrer de algumas atividades propostas.

Nos primeiros dias que estive na instituição elaborei um texto de apresentação para os pais que foi afixado no placar à entrada da sala que me foi atribuída. O objetivo deste texto foi para os pais ficarem a conhecer-me um pouco melhor.

Logo nos primeiros dias conversei com a educadora com o objetivo de saber como era o envolvimento dos pais no dia a dia das crianças e se participavam em atividades com elas, ao que me respondeu que eram famílias bastante participativas e envolviam-se muito nos trabalhos pedidos, uns mais que outros, mas todos acabavam por os realizar.

Tal como Marques (2001) reforçou no primeiro capítulo, é essencial haver esta participação das famílias nas rotinas das crianças, pois assim, estas vão adquirir novas aprendizagens em atividades realizadas em conjunto com os pais.

Fiquei muito interessada em conhecer o trabalho que se fazia, pois era um dos aspetos que gostava de desenvolver durante este estágio, porque considero um aspeto fundamental para um grupo de crianças que se encontra em JI. Na fase de intervenção acabei por realizar algumas atividades semanais em conjunto com os pais terminando com um projeto intitulado de “A manta das nossas famílias” (anexo 1.3), a partir do qual consegui a colaboração dos pais. Foi ainda mais significativa a articulação que cada uma das crianças do grupo fez com a respetiva família.

2.2. Na relação com os intervenientes educativos

Como já referi, o facto de a educadora ter uma relação positiva com os pais, e vice-versa, proporciona às crianças um ambiente de segurança e bem-estar no decorrer do seu dia a dia como também se traduz numa participação dos pais bastante positiva. Esta relação ocorre de forma natural e positiva através de conversas informais de manhã, quando os pais deixam os seus filhos na instituição e à tarde quando os vão buscar. Estes momentos tornam-se cruciais para as crianças.

No caso de a educadora ter algum assunto importante para falar com os pais marcam uma reunião e conversam sobre a situação, o mesmo acontece se algum pai/mãe pretender reunir-se com a educadora, marca uma reunião para abordar qualquer assunto relacionado com a criança.

Estes momentos de conversa são bastante relevantes para a relação entre a educadora e os pais, pois a troca de informação é fundamental para ambas as partes, desta forma ficam a saber as evoluções, os comportamentos e as atitudes que as crianças têm tido e a partir destas informações perceber a/as razão/razões daquela criança ter tido determinado comportamento. Para Gervilla (2008), existem diversas estratégias facilitadoras para uma boa relação entre o JI e a família, como, realizar reuniões com os pais em horas acessíveis sempre que um dos contextos considerar necessário para trocar informação.

No próprio Projeto Educativo da Instituição (PEI) estão formulados alguns objetivos estratégicos relacionados com a comunicação e relação com as famílias, nomeadamente:

1. Conseguir a presença das famílias em atendimentos individuais
2. Conseguir a presença das famílias nas reuniões de pais
3. Realizar atividades com a participação das famílias
4. Operacionalizar o projeto C.A.C (Comunicação Ativa e Criativa)

A relação entre os pais e a diretora também é positiva. Habitualmente os assuntos conversados entre as famílias e a diretora da instituição são assuntos de outro âmbito, que provavelmente a educadora não poderá resolver, tais como a entrada de novas crianças para a Instituição e o pagamento das mensalidades.

A colaboração e interesse que os pais demonstraram nas atividades que propus foram muito positivos. Foram sugeridas três atividades às crianças para realizarem com os pais. Desenvolveram-se duas dessas atividades com grande adesão por parte dos pais, obtendo uma participação ativa e inesperada.

2.3. Na entrada e saída das crianças

A instituição abre às 8h e, até às 9h, os pais deixam as crianças no refeitório ou no recreio com as auxiliares a partir das 8h e com as educadoras, a partir das 9h, os horários de entrada e saída das auxiliares variam de semana a semana. No caso de chegarem atrasados, os pais deixam as crianças na sala até às 9h30/9h45, aquelas que não aparecessem até a esta hora a Educadora presumia que não viriam nesse dia.

À medida que os pais chegavam ao JI para deixar os seus filhos, dirigiam-se primeiro aos cabides respetivos para deixar a mochila e o casaco e colocar a bata, dirigindo-se de seguida para o refeitório ou para o recreio.

No início da minha estadia na instituição, estive atenta à relação e ao tipo de envolvimento que a educadora tinha com cada pai/mãe, à chegada e saída da criança. Cada família é diferente e a forma como a educadora se relacionava com cada uma também.

Comecei este estágio em outubro. No final de novembro o meu relacionamento com os pais tornou-se mais ativo, os pais já deixavam as crianças comigo quando chegavam ao JI e comunicavam-me informações importantes para aquele dia e quando as iam buscar dirigiam-se a mim e perguntavam-me como tinha corrido o dia.

Em janeiro comecei a ter uma intervenção plena, começando a assegurar progressivamente as rotinas das crianças, a realizar os planeamentos semanais entre outros aspetos. Iniciei o meu projeto final que envolvia os pais das crianças e as próprias crianças. Elaborei um recado a explicar o que pretendia exatamente com este projeto, coloquei o recado num envelope e à medida que os pais iam chegando ao JI, de manhã ou da parte da tarde, entregava o envelope a cada um.

Houve momentos em que algumas crianças tinham mais dificuldade em deixar os pais sair do JI da parte da manhã, mas sempre consegui resolver cada situação da melhor forma, falando com a criança sobre o que íamos fazer naquele dia, ou pedindo a sua ajuda para realizar uma tarefa importante.

Na entrada e saída das crianças consegui criar laços positivos e diferentes com os pais das crianças da instituição. Como afirmam Post e Hohmann (2011), o principal objetivo é proporcionar um ambiente seguro, confortável e harmonioso de maneira a deixar os pais descansados ao deixarem os seus filhos no JI. Conversei, interagi e brinquei com as crianças espontaneamente o que fez os pais sentirem-se não só descansados, mas também confiantes por deixarem os seus filhos num meio seguro, cheio de vida e onde eles próprios se sentem bem.

2.4.Nos dias festivos/reuniões

Os aniversários de algumas crianças foram os primeiros momentos festivos em que pude observar e participar, ajudando a organizar o espaço, a sentar as crianças, a entregar uma fatia de bolo num guardanapo a cada criança e um copo de sumo. À hora do lanche os pais da criança que fazia anos apareciam no JI com um bolo para cantarmos os parabéns, uns sumos e uns saquinhos com doces e uns pequenos brinquedos para as outras crianças. Estes lanches normalmente eram feitos no refeitório, mas também podiam realizar-se na sala ou mesmo no recreio, dependendo do tempo.

Participei também na construção e realização da festa de Natal que foi apresentada a todos os pais das crianças de JI. Cada sala de JI ensaiou duas canções, com uns movimentos e umas danças para apresentar aos pais. Depois do espetáculo, houve um pequeno convívio na sala do meu grupo de crianças, para cada uma entregar o seu presente de natal aos pais. De seguida, dirigiram-se para um lanche de Natal no refeitório. Este lanche foi preparado pelos pais de todas as crianças do JI e pelos diversos intervenientes da instituição. Foi um momento de convívio bastante animado.

Antes das férias de natal houve a reunião de pais. A educadora deu início à reunião falando dos temas abordados durante aquele período, das várias atividades realizadas, aquilo que estava a pensar realizar depois das férias, entre outros tópicos. Realizou-se também, nesta reunião, um jogo entre o grupo de pais, que consistia em ir ao meio da sala e tirar de cima da mesa, um cartão com uma pergunta, uma frase ou um ponto de interrogação. Se saísse uma pergunta, esse pai teria de ler a pergunta em voz alta e responder à mesma, podendo os outros pais intervir dando a sua opinião. Quando saía uma frase, todos os pais, que quisessem, teriam de comentar a frase, dando a sua opinião, por último, aqueles cartões que tinha um ponto de interrogação serviam para colocar uma pergunta, uma dúvida ou simplesmente falar sobre o assunto que quisessem. Durante esta reunião, tive a oportunidade de intervir, explicando aos pais qual iria ser a primeira atividade que iria pedir para realizarem com os seus filhos.

3. Participação dos pais em atividades propostas

Segundo Marques (1988) é essencial os pais estarem presentes, colaborarem e participarem nas atividades realizadas na escola. Normalmente os pais colaboram em diversas atividades em diferentes épocas festivas como, o dia do pai e o dia da mãe, a festa de natal, a festa de final de ano e aniversários. Estas atividades vão motivar a ligação da criança e dos pais ao JI e vão ajudar a que exista uma competência recíproca entre os dois contextos. Desta forma, os pais conseguem ficar a conhecer melhor o local onde o seu filho passa tanto tempo e ficam também a conhecer as outras crianças, os seus pais, as educadoras e outros intervenientes do JI. A participação existente da parte dos pais nestas três atividades foi muito positiva, mostraram-se sempre muito empenhados e interessados na sua realização. Posso dizer que fiquei muito entusiasmada, pois, a participação e a colaboração nas atividades realizadas no JI era um assunto que queria desde o início desenvolver com os pais/famílias. Este aspeto foi muito bem-sucedido no decorrer do estágio, pois como diz Miranda (2002), os pais devem envolver-se no seu dia a dia proporcionando-lhes novas experiências no decorrer do seu crescimento. A participação que os pais tiveram nestas atividades proporcionaram às crianças momentos relevantes para a aquisição de novas aprendizagens. Como reforçam Katz e Chard (2009), a família pode envolver-se de várias formas num projeto, em que o tema já é do seu conhecimento. Como aconteceu com o projeto final “A manta das nossas famílias”, antes de dar início ao projeto informei todos os pais sobre o mesmo. O envolvimento que existiu da parte dos pais na construção deste projeto foi muito produtivo, pois proporcionou às

crianças e aos pais um momento divertido em família. As conclusões (anexo 3.3) obtidas foram de orgulho e felicidade por parte de todos os envolvidos.

As outras atividades (duas atividades) que realizei em conjunto com os pais foram “A árvore de natal” e “A nossa família”. Ambas as atividades tiveram como principal objetivo inserir na sala um pouco do ambiente familiar de cada criança, construindo uma árvore de natal com o decalque das mãos das crianças, dos pais e dos adultos da sala (anexo 3.1) e acrescentando a essa árvore umas bolas de natal (anexo 3.2) decoradas pelos pais com uma fotografia da família no seu interior.

3.1. Primeira atividade realizada com/pelos pais “A árvore de natal”

Esta primeira atividade foi realizada nos dias 6 e 7 de dezembro, no refeitório, na parte da manhã e na parte da tarde, na chegada e saída das crianças com os seus pais.

A minha intenção pedagógica nesta atividade foi proporcionar um ambiente familiar na instituição, realizando esta atividade de interação e colaboração entre pais e filhos, potenciar a criatividade da criança na escolha de diversas cores e materiais e promover a importância da época de natal. Para esta atividade utilizei as áreas do Conhecimento do Mundo, da Formação Pessoal e Social e da Expressão e Comunicação.

Informei os pais da realização convidando-os a participar. Foram marcados dois dias para os pais realizarem a atividade, sendo que uns fizeram de manhã e outros da parte da tarde. Cada criança decalcou a mão com o pai/mãe/avó/avô recorrendo ao material que disponibilizei (Tinta verde; Pincéis; brilhantes vermelhos e dourados; Tesoura; Cola; Papel cavalinho) e que se encontrava preparado no refeitório. À medida que os pais iam chegando seguiam o procedimento que lhes era sugerido. A criança pintava uma das mãos do pai/mãe/avó/avô e eu pintava uma das mãos da criança. Decalcavam ao mesmo tempo as mãos pintadas no papel e cada criança escolheu uns brilhantes (encarnados ou dourados), para colocar por cima, de maneira a ficarem brilhantes. Por último recortou-se a forma da mão, construiu-se a árvore de natal em cima de papel de cenário e recortou-se o papel de cenário até ao nível das mãos.

Desde o início destas atividades as crianças perguntaram “Ana! Quando é que posso fazer as mãos com a mãe?” ; “Ana, eu não me vou esquecer de dizer à mãe que temos de fazer as mãos para a nossa árvore de Natal! – disse a Laura ; “ Hoje faço as mãos com o pai Ana!” – disse o Vasco?”, tive de dizer algumas vezes, “Meninos, digam ao pai e à mãe que não se podem ir embora sem fazer as mãos com vocês!” ; “Madalena tens de dizer ao pai para ir ter com a Ana ao refeitório para fazerem as mãos!” ; “ Joana R. lembra a mãe que têm de ir fazer as mãos para a árvore de Natal da nossa sala!”. Com estas afirmações, pude constatar que todas as crianças gostaram de realizar a atividade, e aquelas crianças que ainda não a tinham feito, estavam constantemente a perguntar quando é que a iam fazer.

A maioria dos pais mostrou vontade e empenho em participar com o seu filho/a nesta atividade. Tive um pequenino problema com um dos pais que não queria fazer esta proposta, mas, entretanto, consegui que este pai fizesse o trabalho com o seu filho, depois

de alguma conversa e um pouco de insistência da minha parte. Para finalizar a árvore, a educadora Beta, a ajudante Glória e eu também fizemos as nossas mãos com a cor amarela, para formar uma estrela e colocar no topo da árvore.



Figura nº 4 – Decalque das mãos dos pais e das crianças concluídas

3.2. Segunda atividade realizada com/pelos pais “A nossa família”

Esta segunda atividade foi planeada para ser realizada dia 5 de janeiro, na sala, durante a manhã.

A minha intenção pedagógica para a realização desta atividade foi promover e proporcionar um ambiente familiar na sala, colocando as fotografias das famílias de cada criança e realizando esta atividade de interação entre pais e filhos.

O ponto de partida desta atividade foi informar os pais da sua realização e convidá-los a participar, pedindo que trouxessem uma fotografia da família. De seguida, expliquei ao grupo o que se ia fazer com as fotografias que tinham trazido. Depois da explicação fazia uma moldura em cartão, do tamanho adequado a cada fotografia e as crianças decoravam a sua moldura como pretendiam. Colocar-se-ia a fotografia em cima de um pedaço de cartolina (branca ou preta) e colar-se-ia a moldura seca por cima. Por último, pendurar-se-ia as molduras com bostik numa das paredes da sala.

Esta atividade foi uma proposta minha, mas foi alterada pela educadora Beta, em conversa comigo. A minha ideia era fazer um mural na sala com as fotografias das famílias de cada criança, mas acabamos por colocar as fotografias em bolas de natal decoradas pelos pais. Esta atividade correu muito bem. Em casa, os pais decoraram as bolas de forma livre e colocaram a fotografia da família no seu interior. Depois de termos a árvore de natal feita, pendurámos as bolas de natal elaboradas por cada família. As crianças mostraram-se muito contentes por verem as bolas de natal com as fotografias das suas famílias e sentiam-se felizes e cheias de vontade de tocar e ver as suas fotografias.



Figura nº 5 – Árvore de natal concluída, com as bolas de natal penduradas com as fotografias da família no seu interior

3.3. Terceira atividade e projeto final “A manta das nossas famílias”

Esta terceira atividade foi iniciada a 16 de janeiro por volta das 10 da manhã com a leitura de uma história.

A intenção pedagógica desta atividade foi mostrar a importância que a família tem para cada uma das famílias, construir e deixar na sala uma manta de retalhos com momentos passados em família e proporcionar um ambiente familiar em sala.

Para dar início a este projeto comecei por falar com a educadora Beta sobre o que estava a pensar fazer, com a intenção de saber a sua opinião, e se era viável ou não, se as famílias iam aderir ou não. Comecei por escrever um recado aos pais, que passou pela minha orientadora e pela educadora E., a explicar a intencionalidade deste projeto e como estava a pensar realizá-lo, pedindo-lhes ajuda na sua construção. A educadora E. acrescentou alguns aspetos que considerou necessários informar aos pais, como por exemplo, a data de limite de entrega do quadrado de tecido concluído.

Comprei tecidos de três cores diferentes (amarelo, laranja e bege) e recortei 23 quadrados para cada família levar para casa. Coloquei cada um dos quadrados de tecido dentro de um envelope com o recado lá dentro, a auxiliar G. e eu fomos entregando aos pais à medida que os iam buscar.

Introduzir o projeto às crianças com a leitura da história “A manta” que retrata a vida de uma avó que construiu uma manta de retalhos. Cada pedaço de tecido daquela manta tinha uma história da sua família. Ao longo da narrativa do livro esta avó conta à sua neta as histórias de cada um dos retalhos.

Depois de contar a história mostrei os quadrados de tecido ao grupo e muitas crianças perceberam logo o que iam fazer. “Vamos construir uma manta de histórias das nossas famílias!!” disseram algumas crianças.

Expliquei-lhes que podiam decorar o tecido de diversas maneiras, cosendo pequenos objetos significativos, gravar uma frase ou uma palavra com significado; um desenho ou uma apenas uma história ou um momento passado em família e/ou o que a família significava para cada uma.

No final, todos os quadrados de tecido foram cosidos uns aos outros à máquina, por mim com ajuda de uma costureira, de forma a criar “A manta das nossas famílias”. Cada quadrado foi identificado por cada família.

Uma das crianças não fez com nenhum dos pais, e que segundo a educadora B. muito provavelmente não ia fazer. Por isso, esta criança realizou o seu quadrado com a auxiliar Glória. Eu, a auxiliar Glória e a educadora Beta também fizemos o nosso quadrado de tecido, com momentos especiais para nós.

Depois de terminado este projeto, pude dizer que correu melhor do que estava à espera. Muitas vezes os pais podem não ter muito tempo para este tipo de trabalhos e como não era um material muito fácil de trabalhar, podiam não mostrar grande interesse. Quando comecei a ver os quadrados a chegarem fiquei muito entusiasmada, até mesmo as próprias crianças estavam contentes pelo seu trabalho, queriam partilhar o que estava lá representado e quando mostraram diziam aquilo que eles próprios tinham feito e aquilo que os pais tinham feito. Eu conseguia ver na cara de cada criança a expressão de felicidade e orgulho com que mostravam o seu pedaço de tecido.

Dia 23 de janeiro tinha os 22 quadrados na minha mão. No tapete durante a manhã, entreguei os quadrados de tecidos às respetivas crianças para poderem mostrar e apresentar o seu momento em família lá representado. Com esta atividade consegui ter uma maior aproximação aos pais, da maioria das crianças e estive em contacto com as famílias no decorrer de todo o projeto.



Figura nº 6 – A manta das nossas famílias concluídas.

4. Caracterização dos participantes

4.1 Pais

Quantos respondentes:

13

Idades:

Entre os 27 e os 46

Nível de escolaridade:

12º	5
Licenciatura	6
Mestrado	2
TOTAL	13

Tabela 1 – habilitações académicas

Profissões:

Empregada de Balcão	2
Esteticista	1
Trabalhador independente	1
Psicólogo	1
Administrativo	1
Professora de 1ºciclo	1
Arquiteta	1
Especialista em medicina tradicional chinesa	1
Assistente de Produção	1
Mãe a tempo inteiro	1
Consultora em gestão	1
Maquinista	1
TOTAL	13

Tabela 2- Profissões dos pais

Nº de filhos:

Entre 1 e 2

4.2 Crianças

Quantos respondentes:

21

Idades:

Entre 3 a 5

4.3 Educadoras

Quantos respondentes:

3

Idades:

Entre 45 e 52

5. Triangulação da informação recolhida

Grelha de análise de conteúdo						
Temas	Categorias	Subcategorias	Unidades de registo			
			Crianças	Pais	Educadoras	Inferências
Promover a comunicação entre a escola e a família	Interação família/JI	Ida à instituição		<p>“Semanalmente”</p> <p>“Diariamente”</p>		
		Informações		<p>“Sim, estou informado. Até ao momento, tenho estado satisfeita com o vosso trabalho.”</p> <p>“Sim, estou bem informado.</p> <p>Costumo ler com a maior assiduidade o relato diário registado na sala da minha filha e as atas registadas, diálogo também com as responsáveis da sala para saber como foi o dia.”</p>		<p>Senti-me satisfeita com o facto de muitos pais se terem dirigido a mim ao final do dia e perguntarem como se tinha comportado os seus/as suas filhos/as e como tinha corrido o dia.</p>

		Relação e Comunicação Família/ JI	<p>“A minha relação com a educadora é boa. É uma pessoa acessível, disponível, compreensiva e simpática, sempre calma e alegre. Sou sempre bem-recebida e é uma pessoa em quem posso confiar. A comunicação com ela é acessível.”</p> <p>“A minha relação com a educadora é boa, pois é uma pessoa acessível e disponível. A comunicação também é boa, quando é possível, uma vez que à tarde, quando os vou buscar quase nunca está. Os horários são incompatíveis.”</p>	<p>“A relação entre o JI e a família é fundamental e essencial para o bom funcionamento do trabalho que se desenvolve com as crianças.”</p> <p>“Eu valorizo muito a relação escola/família. Pois considero que o trabalho que é feito na escola deve ser um complemento do que é feito em casa, e vice-versa. O trabalho em conjunto origina uma melhor aprendizagem.”</p> <p>“É fundamental a relação escola/família</p>	<p>Acho essencial haver uma relação positiva entre a família e o JI pois assim torna-se mais fácil a comunicação e o envolvimento entre ambas as partes, passando às crianças um ambiente calmo e seguro e momentos agradáveis e divertidos.</p>
--	--	-----------------------------------	---	---	--

					para as crianças e famílias se sentirem mais seguras e confiantes na escola.”	
Envolver os pais em atividades no espaço escolar	Participação em projetos e atividades no JI	Participação família/JI	<p>“Muito, muito feliz!”</p> <p>“Muito mais bem! Gosto muito!”</p> <p>“Sinto-me muito bem, mas gostava que viessem mais vezes, porque não vêm muito.”</p> <p>“Sinto-me muito feliz. Gosto sempre que eles participem nas atividades,</p>	<p>“Se os horários o permitissem acho de extrema importância a presença dos pais junto dos filhos em atividades no âmbito sala – jardim de infância.”</p> <p>“Penso que não deve ser excessiva para não quebrar as rotinas que vão discutindo e estabelecendo entre educadoras e crianças. Sinto mais falta de as crianças saírem regularmente da escola em visitas para conhecerem outros lugares em volta da escola (jardins,</p>	<p>“Este grupo de pais é muito participativo e corresponde aos pedidos que lhe são feitos – com decorações para a sala/calendário dos aniversários / adereços para festas / nas reuniões de pais / pedidos que se fazem segundo as temáticas que se vão desenvolvendo e por vezes trazem livros por iniciativa própria relacionados com os temas</p>	<p>Acho muito importante haver uma participação ativa dos pais no dia a dia do jardim de infância, pois vai mostrar às crianças o interesse que os seus pais tem em fazer parte daqueles momentos, o que para além disso vai transmitir às crianças segurança e felicidade.</p>

			<p>pinturas e trabalhos que faço na sala com os meus amigos.”</p>	<p>monumentos, etc.)”</p>	<p>que se estão abordar.”</p> <p>“No início do ano, propus aos pais da minha sala participarem com alguma regularidade. Normalmente eu solicito a participação deles, mas há quem se ofereça para vir à sala. Por exemplo, hora do conto feita pela autoria de um livro infantil; teatro de sombras chinesas.”</p>	
<p>Envolver os pais em atividades de aprendizagem em casa</p>	<p>Participação em atividades em casa</p>	<p>Envolvimento das famílias em festas</p>		<p>“Participo sempre que sou convidada para alguma atividade/projeto, como festas de natal e fim de ano, atividades realizadas com as crianças e reuniões.”</p>	<p>“Fazendo-os compreender a importância do seu envolvimento, ficando a saber tudo o que os filhos fazem no seu dia a dia. Com conversas informais</p>	

				<p>“Participo habitualmente nas reuniões dinamizadas pelas responsáveis de sala, nos trabalhos solicitados pela escola, nos aniversários das minhas filhas e nas festas de natal e fim de ano.”</p>	<p>diárias. Estabelecendo uma relação de empatia com as famílias.”</p> <p>“Tentando envolver os pais e mantê-los interessados em participar no dia a dia escolar, respeitando e ajudando no que cada família se propõe realizar.”</p>	
		<p>Colaboração no Projeto Curricular de sala</p>	<p>“Gostava muito de fazer atividades de colagem com a mãe aqui na sala. Também gostava de brincar na área da garagem com a</p>	<p>“Sim, participo. Partilho ideias nas reuniões de E.E.”</p> <p>“Não.”</p>		

			minha mãe.”			
		Construção da manta das famílias	<p>“Lembro-me muito bem! Eu fiz o quadrado sozinho e a mãe ajudou-me a colar os pompons brancos. Gostava de voltar a fazer com a mãe e também com o pai.”</p> <p>“Fiz o meu quadrado de tecido com a mãe e com o mano em casa e gostei muito de fazer este trabalho com a mãe e com o mano e gostava muito de</p>	<p>“É muito positivo a existência de estagiários/as que trazem diferentes ideias e dinâmicas, agilizando a adaptação das crianças a novas situações.”</p>		<p>Recebi muitos elogios dos pais em relação à construção da manta das nossas famílias e fiquei muito contente pelas crianças terem gostado de fazer este projeto e muito orgulhosa pelo resultado final.</p>

			<p>voltar a repetir com a Ana a manta da família.”</p> <p>“Gostei muito de ver a mãe a fazer, eu e a mana não fizemos nada com a mãe, só vimos a mãe a fazer e gostámos muito. Gostava de fazer outra vez!”</p> <p>“Fiz com o pai porque a mãe estava a trabalhar. O momento que escolhi para pôr na manta foi a minha família na praia de baixo do guarda-sol. Foi muito</p>			
--	--	--	---	--	--	--

			divertido fazer este trabalho com o pai.”			
--	--	--	--	--	--	--

tabela 3 – grelha de análise de conteúdo

O quadro acima representado denominado, Grelha de análise de conteúdo está dividido em quatro colunas.

Tal como referi anteriormente, recorrendo a uma metodologia qualitativa, utilizei técnicas de inquérito e análise documental. Na análise de conteúdo da informação recolhida nas entrevistas e nos questionários organizei a informação a partir de dimensões de análise do modelo de Epstein (1995).

Neste sentido, a primeira coluna corresponde às dimensões de análise em que me basei deste modelo (Promover a participação entre a escola e a família; envolver os pais em atividades no espaço escolar; envolver os pais em atividades de aprendizagem em casa). A segunda coluna representa a categorização por mim concebida (Interação família/JI; Participação em projetos e atividades no JI; Participação em atividades em casa). A terceira coluna corresponde às subcategorias. Estas subcategorias (Ida à Instituição; Informações; Relação e comunicação; Participação família/JI; Envolvimento das famílias em festas; Colaboração no projeto curricular de sala; Construção da manta das famílias), basearam-se nos questionários e nas entrevistas que realizei às educadoras, aos pais e às crianças. A quarta coluna representa as unidades de registo correspondentes às informações recolhidas nos questionários e nas entrevistas (Crianças; Pais; Educadoras e Inferências).

Coloquei algumas das respostas que as crianças me deram nas entrevistas e utilizei o mesmo procedimento para as respostas dos pais e das educadoras, de forma a realizar a categorização e a análise de conteúdo. As inferências apresentadas na quarta coluna facilitaram a análise dos dados e contribuíram para a minha reflexão sobre as respostas dadas pelos participantes.

Na opinião das crianças sobre a participação dos pais no JI obtive algumas respostas semelhantes, algumas crianças disseram que ficavam muito felizes quando os pais iam à sala fazer atividades e brincar com elas e com os amigos. Outras crianças disseram que

gostavam que os pais viessem mais vezes ao JI participar nas atividades que iam realizando, mas, que alguns não podiam vir porque estavam a trabalhar. A opinião das crianças sobre as atividades realizadas com a colaboração dos pais na sala é muito positiva, cada criança conversou comigo sobre essa colaboração durante as entrevistas que fui fazendo. As atividades que mais gostaram de realizar foram a forma das mãos para a árvore de natal e a manta de histórias, que tiveram de o fazer com os seus pais. Disseram ainda que, gostavam muito de brincar nos legos, na garagem, nos jogos de mesa (dominó dos animais), na casinha, de fazer desenhos e de fazer pinturas com os pais.

Em relação à construção da manta, que foi uma atividade realizada em casa com os pais, pela informação que disponho posso afirmar que foi uma atividade referida pelas crianças como, bastante agradável e divertida, passada em família, ou só com a mãe ou só com o pai. Algumas crianças participaram com os pais na elaboração do seu quadrado de tecido, outras crianças apenas observaram os pais a construir o quadrado de tecido tendo valorizado bastante este momento passado em família.

Nas entrevistas às crianças, a última questão colocada foi a questionar se as crianças conversavam com os pais sobre o que fazem na escola e as atividades que realizam. De referir que a maioria das crianças mencionou que fala com os pais sobre o dia que tiveram no JI e sobre o que fizeram de atividades ao longo do dia. Segundo as mesmas, esta conversa acontece no caminho do jardim de infância para casa ou já em casa, à mesa, enquanto jantam. Algumas crianças referiram que por vezes se esquecem de falar sobre as atividades que realizam no JI. Apenas uma das vinte e uma crianças afirma não falar com os pais sobre o seu dia a dia. Estas entrevistas deveriam ter sido feitas a vinte e duas crianças, mas não tive oportunidade de entrevistar uma das crianças devido a problemas familiares da parte da criança.

As três educadoras do JI responderam ao questionário onde expressaram a sua opinião sobre: a relação entre a família e o JI; a opinião dos pais nessa relação; a participação das famílias em casa e no JI; os momentos em que são fundamentais haver colaboração dos pais; o impacto que essa relação vai ter nas crianças e ainda as estratégias que as educadoras usam para promover o envolvimento das famílias.

No geral, segundo as três educadoras, a relação entre o JI e a família é fundamental para se desenvolver um trabalho de qualidade com as crianças, pois o trabalho realizado no

jardim de infância é uma continuação das situações vividas em casa e vice-versa, de forma a ocasionar uma maior aprendizagem a todas as crianças.

As educadoras têm uma ideia bastante positiva sobre o que os pais pensam desta relação, partindo da informação referida nas reuniões de pais e de conversas informais. Ao perceberem a sinceridade e a abertura que a instituição lhes proporciona, as famílias envolvem-se mais, apreciam e dão valor ao trabalho que os seus filhos experienciam. A maioria dos pais mostra-se participativo e interessado, tanto a pedido das educadoras como por sua própria iniciativa. É essencial a participação dos pais e a partilha de informações sobre as crianças.

A colaboração e participação dos pais/famílias poderá ter grande impacto nas crianças, no que respeita à segurança e confiança que resulta do entendimento e intuição que existe entre o JI e a família.

Segundo as educadoras inquiridas, existem várias estratégias que devem ser utilizadas pelos/as educadores/as, como por exemplo, estabelecer uma relação de empatia; ter conversas informais; dar a conhecer aos pais/famílias o trabalho realizado e propor às famílias envolverem-se no mesmo; e ainda pedir aos pais a sua participação em trabalhos realizados em sala (ver no quadro as falas das educadoras).

Em relação aos questionários aplicados aos pais, consegui obter 13 questionários respondidos. Como já disse acima, estes questionários estão divididos em duas partes, na primeira apresento a caracterização dos participantes (idade; escolaridade; profissão; nº de filhos). Na segunda parte apresento as questões sobre a relação entre o JI e a família.

No quadro acima construído encontram-se as respostas de alguns pais.

Em relação às idas à instituição a grande maioria dos pais afirma que se desloca diariamente, apenas três pais referiram que iam à instituição semanalmente.

As respostas sobre a perceção que os pais têm sobre a divulgação de informação, pude constatar que todos os pais referem estar informados sobre todos os assuntos do JI, muitos destes pais salientaram a importância da comunicação da família online, do cartaz de notícias semanais ou quinzenais, dos registos fotográficos e do planeamento semanal. Apenas um dos pais afirma que está bem informado sobre todos os assuntos, mas, refere que seria mais fácil pagar de forma automática a mensalidade, evitando o esquecimento.

De acordo com a informação em análise posso concluir que todos os pais/famílias participam nas atividades e projetos sugeridos pela educadora como, festas de natal e fim de ano, aniversários, atividades e reuniões. A grande maioria dos pais participa em todas as atividades e ainda ajuda em tudo o que for necessário, dando ideias e opiniões, sem receios. Na participação do projeto curricular, um dos pais afirmou ter partilhado ideias nas reuniões de pais, todos os outros não participaram. Apenas um dos participantes revelou que não consegue participar nas atividades e projetos pedidos pela educadora por motivos profissionais.

Segundo os pais, a relação que têm com a educadora é positiva. Os pais dizem que a educadora é uma pessoa acessível, disponível, preocupada, compreensiva e simpática, e dizem também que é uma pessoa em quem podem confiar e são sempre bem-recebidos por ela. No que respeita à comunicação existente entre a educadora e os pais, a maioria dos pais afirmou que a comunicação entre eles e a educadora é acessível, oportuna e cordial, um dos pais afirma que o seu horário não coincide com o da educadora, pois quando este pai vai buscar o/os seu/seus filho/filhos ao JI não consegue falar com a educadora porque esta já não se encontra na instituição.

A opinião que os pais têm sobre a participação das famílias nas atividades em sala é bastante positiva. No geral, dizem que é um aspeto muito importante e essencial para o bem-estar e segurança da criança, e deste modo encontram-se atentos ao desenvolvimento dos seus filhos. As crianças apercebem-se que os pais estão interessados em participar no seu dia a dia ao constatarem que a relação dos seus pais com o jardim de infância é boa ficam felizes.

No geral, perante os resultados dos dois questionários e da entrevista posso concluir que a relação entre o JI e a família é muito positiva. As educadoras trabalham em parceria com os pais e vice-versa, desta forma as crianças encontram-se felizes e mostram vontade em ir para o jardim de infância.

Capítulo IV: Considerações finais

Terminado o relatório intitulado “O Jardim de Infância e a família: Uma relação que se tece ao longo do tempo”, asseguro que foi uma aprendizagem para a minha futura profissão e muito significativa em diversas vertentes, o que me fez despertar para alguns aspetos fundamentais. A temática que escolhi partiu do meu interesse e da importância que dou à relação que deve existir entre o jardim de infância e a família. Este relatório passou por diversas fases que me possibilitaram obter saberes e competências enriquecedoras para a minha prática e envolvimento com as crianças e suas famílias. O enquadramento teórico, onde referi diferentes autores, clarificou diversos aspetos que aconteceram no decorrer da minha prática.

No que respeita à relação JI/família, o papel do educador torna-se desafiante e é necessário estarmos dispostos a interagir com diferentes contextos familiares, como também perceber os seus interesses e necessidades. A partir daí delinear estratégias e planejar momentos que potenciem e proporcionem aprendizagem às crianças.

Sabendo que as famílias não são todas iguais e que há muitas diferenças entre elas, como os seus princípios e as suas religiões, torna-se essencial que o/a educador/a faça uma pesquisa e investigue diferentes autores para conseguir envolver todos os familiares na realidade do dia a dia da instituição.

No segundo capítulo deste relatório, para além de explicitar o contexto onde realizei a minha prática também introduzi a minha problemática, as questões orientadoras, os objetivos, o tipo de estudo e os instrumentos utilizados, que foram decididos e elaborados desde o início e tiveram grande importância neste relatório. As famílias sempre se mostraram empenhadas e interessadas em participar nas atividades que propus e também no projeto final. Em relação aos questionários foram entregues 21 e recebidos 13, embora nem todos os pais tenham respondido foi possível conhecer as suas perceções.

Neste processo de PES em contexto de jardim de infância passei por diversos desafios que me colocaram à prova como futura educadora. Enquanto estagiária dei respostas a alguns desses desafios, outros não me coube a mim resolvê-los.

Pude assistir e observar os comportamentos das crianças durante a realização de atividades em conjunto com os pais e posso afirmar que algumas crianças mudam a sua

atitude, umas mostram-se mais atentas e ativas outras pelo contrário mostram-se mais vulneráveis e tímidas, mas no geral todas as crianças gostam muito da presença dos pais nas suas atividades.

Nesta articulação entre os referenciais teóricos e a minha prática foi possível constatar que a família tem diversas responsabilidades e deveres em relação aos seus filhos, como por exemplo, em relação à educação e segurança destes. Além disso, posso afirmar que, com as famílias as crianças vão aprendendo a ser, a estar e a viver cada momento, com calma.

Os/as educadores/as não conseguem ter uma relação de proximidade com as famílias das crianças logo no início do processo, mas, o essencial é conseguir chegar a todas as famílias, gradualmente e da melhor maneira possível. Este foi um dos aspetos que considerei mais importante e que a educadora cooperante fez questão em mencionar.

Arrisco afirmar que a relação entre a família e a instituição era exequível pois desde o início que existe uma “abertura” e uma sinceridade por parte do JI que cativou e aproximou as famílias, pois se não existisse esta sinceridade e esta “abertura” provavelmente iria existir um afastamento por parte das famílias. A família e o jardim de infância são instituições distintas, sendo fundamental que estas dialoguem para potenciar a aprendizagem da criança.

Neste jardim de infância, uma das responsabilidades existentes é a de incentivar e criar oportunidades para que as famílias se sintam confortáveis de forma a terem uma participação ativa na vida da criança. Portanto, cabe a todos/as estes/as educadores/as, com quem tive o privilégio de trabalhar, a responsabilidade de potenciar e de facilitar esta relação entre a escola e a família, organizando eventos festivos ao longo dos anos, como por exemplo, as festas de natal, as festas de fim de ano e os aniversários.

Ao terminar o estágio em JI constatei que consegui evoluir muito na minha prática, mesmo tendo deixado algumas coisas por fazer, aquilo que fiz foi muito importante para as crianças transmitindo-lhes novas aprendizagens e novos conhecimentos que poderão ter influenciado positivamente o seu desenvolvimento. Considero que foi muito importante para as crianças e para os pais, visto terem sido proferidos grandes elogios ao longo da minha prática.

A elaboração do relatório revelou-se um grande desafio desde a redação do mesmo até à construção dos instrumentos utilizados. No que respeita aos questionários verifiquei que nem todas as questões foram adequadas e ajustadas à informação que pretendia recolher tal como aconteceu na questão nº 10 do questionário aplicado aos pais. As respostas obtidas não tiveram qualquer utilidade para a recolha e análise da informação, uma vez que todos os pais responderam que o JI era importante ou muito importante sem justificar a sua escolha (ver anexo 3), pois a própria questão não permitia que o fizessem.

Para finalizar estas considerações posso afirmar que o conteúdo do relatório responde às perguntas de partida e que no decorrer da sua construção evolui profissionalmente, mas principalmente pessoalmente.

O trabalho desenvolvido na instituição e as estratégias utilizadas para potenciar a relação JI/família foram fatores determinantes na possibilidade de realização do projeto que implementei.

Considero que a abordagem da metodologia de trabalho por projeto é um recurso extremamente eficaz para o envolvimento parental. Nas atividades do projeto que desenvolvi foi evidente a participação das famílias de acordo com a sua singularidade.

Afirmam Costa e Pequeto (2007), que esta metodologia aparece “como uma ferramenta que permite oferecer oportunidades de participação a todas as crianças” (p.108), como os principais agentes ativos neste processo, mas apelando à colaboração e participação das famílias.

As respostas das crianças demonstraram que o envolvimento das famílias no JI é muito valorizado, tal como evidencia a afirmação “Sinto-me muito feliz. Gosto sempre que eles participem nas atividades, pinturas e trabalhos que faço na sala com os meus amigos.” Tal como aponta Epstein (1995) a aprendizagem das crianças torna-se mais significativa quando ocorre num ambiente de parceria e cooperação, existindo respeito mútuo e confiança entre pais e educadores.

O envolvimento parental existente na instituição onde realizei PES revela que quando é potenciada esta relação, as famílias que têm oportunidade participam com vontade e empenho. Também no projeto que desenvolvi (construção da manta) verifiquei a colaboração da maioria dos pais o que tornou possível a construção de um projeto comum.

A relação entre o JI e as famílias com quem interagi e colaborei, revelou-se muito positiva, a começar pela comunicação, parceria, intervenção, bem como na cooperação e na ajuda da parte dos pais no decorrer das atividades e projetos desenvolvidos pelas crianças.

Nesta etapa final do meu percurso académico surgiram diversos desafios que tive de ultrapassar e arranjar soluções para os resolver, sempre com o apoio da educadora, dos outros intervenientes da instituição e principalmente com a ajuda das crianças.

Tal como mencionei anteriormente uma das motivações que tive para realizar o relatório com esta temática foi o meu receio na interação com as famílias. Isto porque esta interação exige do educador de infância uma disponibilidade e assertividade que pensei não ter. No entanto a experiência do projeto que realizei com as famílias contribuiu para ficar mais segura na interação. Parece-me relevante referir que também surgiram dificuldades visto dois dos pais terem demonstrado uma maior resistência em colaborar no projeto, o que desencadeou o desenvolvimento da minha assertividade.

Com a experiência anterior e com os momentos que passei nestes quatro meses de estágio, assim como com o trabalho e empenho que vou ter no futuro. Tenho como propósito desenvolver um trabalho positivo e enriquecedor com o grupo de crianças, tentando sempre proporcionar-lhe novas aprendizagens e competências.

Referências Bibliográficas:

- Alarcão, M. & Relvas, A. P. (2002). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto.
- Alves, J. M.; Leite, M. J. (2005). *Sucesso na escola – Um guia para os pais*. Coleção. Saberes. Porto: Edições Asa.
- Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. 2ª ed. Coimbra: Imprensa da universidade de Coimbra.
- Amaro, F. (2006). *Introdução à sociologia da família*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Andrade, M. M. (2009) *Introdução à metodologia do trabalho científico*. 9 ed. São Paulo: Atlas.
- Bogdan, R. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Editora Porto.
- Bolívar, A., Domingo, J., & Fernadéz, M. (2001). *La investigación biográfico-narrativa en educación*. Madrid: Ed. La Muralla.
- Borràs, L, (2002). *Manual de Educação Infantil*. Setúbal: Mariana Editores
- Cardoso, G. B. (2010). Pedagogias participativas em Creche. *Cadernos de Educação de Infância*.91. 4-7
- Correia & Serrano, (2002). *Caminho para a construção coletiva de ambientes saudáveis*. São Paulo
- Costa, I. C. & Pequito, P. (2007). “... e aprendemos muitas coisas novas!...” Projectos simples... Complexas Aprendizagens. *Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti*, 115-126. Recuperado de:
http://repositorio.esepf.pt/jspui/bitstream/20.500.11796/907/2/Cad_6ProjectosSimples.pdf
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 13.2, 35-79.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de Pesquisa: Método qualitativo, quantitativo e misto*. (2ª edição). Porto Alegre: Artmed.
- Epstein, J. (1995) School, Family and Community Partnerships. *Phi Delta Kappan*, 77, 9, 701-712

- Ferreira, C. A. (2009). A avaliação na metodologia de trabalho de projeto: uma experiência na formação de professores. *Revista portuguesa de pedagogia*, 43 (1),143-158.
- Formosinho, J. (Ed.). (2000). *Estudos sobre a Mobilidade Docente*. Cadernos PEPT 2000, 23. Lisboa, Ministério da Educação.
- Giddens, A. (1999). *A Terceira Via: Reflexões sobre o Impasse Político Atual e o Futuro da Social democracia*. Rio de Janeiro: Record.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª Ed. Editora Atlas S.A. São Paulo. Brasil.
- Gillham, B. (2000). *The research interviews*. New York: Continuum.
- Gimeno, A. (2001). *A Família: O desafio da diversidade*. Lisboa: Instituto Piaget
- Gispert, C. (1998). *Programas de formação de educadores*. Psicologia infantil e juvenil. Volume 4: Educação. Lisboa: Oceano – Liarte
- Gokhale, S. D. (1980) *A família desaparecerá?* *Revista debates sociais*. Nº 30, Ano XVI. Rio de Janeiro: CBSSIS.
- Gray, D. E. (2012). *Pesquisa no mundo real*. (2ª edição). Porto Alegre: Penso.
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2009). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., & Weikart, P. D. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Homen, L. M. (2002). *O Jardim de Infância e a família: As fronteiras da cooperação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional
- Kalaustian, S. M. (1998). *Família brasileira, a base de tudo*. Brasília: Unicef.
- Katz, L. & Chard, S. (2009). *A Abordagem de Projecto na Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kvale, S. (1996). *Interviews: An introduction to qualitative research interviewing*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Ludwig, A. C. W. (2009). *Fundamentos e prática de Metodologia Científica*. Petrópolis, RJ. Ed. VOZES.
- Magalhães, G. (2007). *Modelo de Colaboração Jardim de Infância/Família*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Major, S. (2011). *Avaliação de aptidões sociais e problemas de comportamento em idade pré-escolar. Retrato das crianças portuguesas*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia apresentada Faculdade Psicologia e de Ciências da

- Educação, Universidade de Coimbra: Recuperado de
https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/17774/5/Tese_Sofia%20Major.pdf
- Marques, R. (1988). *A escola e os pais como colaborar?* Lisboa: Texto Editora
- Marques, R. (2001). *Educar com os Pais*. Lisboa, Editorial Presença
- Mateus, M. (2011). *Metodologia de Trabalho de Projecto*. Nova Relação entre os saberes escolares e os saberes sociais. EDUSER: Revista de Educação, Vol. 3 (2), 3-15- Recuperado de:
<https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/download/32/35/>
- Matos, M. (2012). *Reuniões de pais e trabalho com famílias*. Lisboa: APEI, Cadernos de Educação de Infância, 97. 47-50.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Acção*. Porto: Porto Editora.
- Milne, B. (1996). *Children's rights and the changing face of work in the field*. PLA. Notes: 41.
- Minayo, M. C. S. (2001). (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Miranda, M. M. (2002). *A Família como primeiro espaço educativo*. Cadernos de Educação de Infância, 62, 11-15.
- Nóvoa, A. (1992). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote.
- Nunes, S. B. P. T. (2004). *Colaboração Escola – Família. Para uma escola culturalmente heterogénea*. Porto: Acime Editor.
- Oliveira, R. (2008). *A fotografia como memória na vida dos candangos*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília.
- Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creches uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora
- Portugal, G. (2009). *Desenvolvimento e aprendizagem na infância*. Recuperado de:
http://www.cnedu.pt/index.php?action=index&par_type=1&module=cneparecer
esmod le
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Quivy, R & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

- Ribeiro, E. A. (2008). *A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa*. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148.
- Rodríguez, G. G., Flores, J. G., & Jiménez, E. G. (1999). *Metodología de la investigación cualitativa*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- Rodriguez, G., Gil, F., e Garcia, J. (1999). *Metodologia de la investigación cualitativa*. Málaga: Ajibe.
- Rosa, M. V. F. P. C.; Arnoldi, M. A. G. C. (2006) *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, (p.112).
- Rose, G. (2012). *Visual Methodologies* (3ª ed.). London: Sage Publications Ltd.
- Santos, J. (2004), *Crises e ruturas – A criança, a família e a escola em sofrimento*. Centro Doutor João dos Santos – Casa da Praia.
- Schensul, J. (2008) "Methodology." *The Sage Encyclopedia of Qualitative Research Methods*. SAGE Publications. Consultado em 9 Mar. 2009 em http://www.sage-reference.com/research/Article_n267.html.
- Silva, I. L. (2005). *Projectos de aprendizagens: o projecto como "Projétil" não identificado*. In Actas 2º Encontro de Educadores de Infância e Professores de 1º Ciclo (pp. 49-64). Porto: Areal Editores.
- Silva, P. (2003). *Escola-Família, uma relação armadilhada. Interculturalidade e relações de poder*. Coleção Biblioteca das Ciências do Homem. Ciências da Educação XVII. Porto: Edições Afrontamento
- Sousa, B. A. (2009). *Investigação em Educação*. (2ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte
- Sousa, M & M, Sarmiento. T. (2010). *Escola – Família -Comunidade: Uma relação para o sucesso educativo. Gestão e Desenvolvimento. 17-18*. 141-156. Acedido em maio 8, 2015 em http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/9117/1/gestaodesenvolvimento17_18_141.pdf
- Tuckman, B. (2005). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Vasconcelos, T. (2006). *Trabalho de projeto em educação de infância: limites e possibilidades*. In 3º Encontro de educadores de infância e professores do 1º Ciclo (pp.41-48). Porto: Areal Editores.

- Vasconcelos, T. (2011a). *Trabalho de Projecto como “Pedagogia de Fronteira”*. Da Investigação às Práticas, I (3), 8-20.
- Vasconcelos, T. (Coord.). (2011b). *Trabalho por projectos na educação de Infância: Mapear aprendizagens, integrar metodologias*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- Vásquez, R. R., & Angulo, R. F. (2003). *Introducción a los estudios de casos. Los primeros contactos con la investigación etnográfica*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- Walsh, D. J., Tobin, J. J., & Graue, M. E. (2010). *A Voz Interpretativa: Investigação Qualitativa em Educação de Infância*. In Spodek, B. *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Anexos

1. Planificações das atividades realizadas com os pais

1.1. Planificação da 1ª atividade realizada com/pelos pais “A árvore de natal”

<p>Nome da atividade: A árvore de natal</p> <ul style="list-style-type: none">. Pintura (tintas). Recorte. Colagem <p>Idades: 3, 4 e 5 anos</p>	<p>Informação da atividade</p> <p>Realizar dia: 6 e 7 de dezembro</p> <p>Hora: 10h00</p> <p>Duração: durante a manhã</p> <p>Local: sala</p> <p>Intervenientes:</p> <ul style="list-style-type: none">. Eu (estagiária). Individualmente (em conjunto com os pais)
<p>Material necessário:</p> <ul style="list-style-type: none">. Tinta verde. Pincéis. Tesoura. Cola. Cartolina branca	<p>Planeamento da atividade:</p> <ul style="list-style-type: none">- Informar os pais da realização desta atividade e convidá-los a participar com os seus filhos.- Dar início a esta atividade de manhã, se necessário prolongar para a tarde.- Há medida que cada pai vai chegando, peço-lhes que me acompanhem até ao refeitório para realizar esta atividade juntamente com o seu filho/a, caso não seja possível, realizam

	<p>da parte da tarde, quando os forem buscar.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cada criança realiza individualmente esta atividade com a sua mãe ou pai ou avó ou avô. - Coloco o material já preparado, no refeitório para se realizar esta atividade. - Depois de todos os pais e crianças fazerem as mãos deixase a secar, para depois se recortar e construirmos a nossa árvore de natal, com as mãos das crianças e dos seus pais, com o objetivo de decorar a sala.
<p>Recursos disponíveis:</p> <p>Material da sala: a tinta verde, os pincéis, a tesoura e a cola</p> <p>Material meu: cartolina branca e brilhantes (dourados e vermelhos)</p>	<p>Objetivo Específico:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Promover a criatividade na capacidade para escolher diferentes cores e materiais. . Dar hipóteses de desenvolver a imaginação das crianças. . Incentivar a socialização e promover a entreajuda entre os pais/avós e a criança.

Intencionalidade pedagógica:

Proporcionar um ambiente familiar na Fundação, realizando esta atividade de interação e colaboração entre cada pai e o seu filho/a (as/os) (Área de Formação Pessoal e Social), estimular a criatividade da criança na capacidade de escolher diversas cores e materiais

(Área de Expressão e Comunicação) e promover a importância desta época natalícia (Área do Conhecimento do Mundo).

O que aconteceu:

Durante os dias 6 e 7 de dezembro estive no refeitório durante a manhã (altura em que os pais deixavam os seus filhos na instituição), e durante a tarde, depois do lanche (altura em que os pais chegavam para ir buscar as crianças), com o material já todo preparado para realizar a atividade.

Em cima de uma das mesas do refeitório tinha um pote de tinta verde com um pincel, brilhantes com as cores dourada e vermelha e folhas de papel cavalinho, cada uma já com o nome de cada criança escrito.

Enquanto estava no refeitório, pedi à ajudante Catarina que fosse mandando os pais ter comigo. À medida que iam aparecendo seguiam um procedimento. Pedi à criança que pintasse uma das mãos do pai/mãe ou avó/avô e de seguida eu pintava uma das mãos da criança. Depois de terem as duas as mãos pintadas colocavam, ao mesmo tempo, as mãos na folha de papel cavalinho, pressionavam com força as mãos no papel e tiravam. Ainda antes de secarem cada criança escolhia uns brilhantes, ou vermelhos ou dourados, para colocar por cima das mãos, de maneira a ficarem mais coloridas e brilhantes.

Enquanto estava à espera dos pais no refeitório, a Educadora Elisabete foi subindo para a sala com o grupo de crianças que já se encontrava na instituição. Fiquei no refeitório até às 11h e depois subi para a sala e comecei a recortar as mãos que já estavam secas.

No dia 7 de dezembro fui mais cedo para o Jardim de Infância, para ver se conseguia apanhar os pais que ainda não tinha apanhado, pois deixam os seus filhos logo às 8h na instituição e sai por volta das 19h, mesmo assim ainda me faltavam quatro crianças e seus pais realizarem a atividade. Estas quatro crianças realizaram as mãos com os seus pais na segunda e na terça-feira a seguir com ajuda da Glória, a ajudante da minha sala.

Depois de estarem as mãos todas feitas, decoradas com os brilhantes e completamente secas, cortei-as e comecei a montar a nossa árvore de Natal em cima de papel de cenário, colando as pontas das mãos, deixando os dedos pendurados e colocando também as bolas de Natal com as fotografias da família de cada criança. As bolas de Natal foram penduradas entre as mãos com bostik.

Desde que dei início a esta atividade da árvore de Natal com as mãos tive sempre crianças a perguntar “Ana! Quando é que posso fazer as mãos com a mãe?” ; “Ana, eu não me vou esquecer de dizer à mãe que temos de fazer as mãos para a nossa árvore de

Natal! – disse a Laura ; “ Hoje faço as mãos com o pai Ana – disse o Vasco?”, tive de dizer algumas vezes, “Meninos, digam ao pai e à mãe que não se podem ir embora sem fazer as mãos com vocês!” ; “Madalena tens de dizer ao pai para ir ter com a Ana ao refeitório para fazerem as mãos!” ; “ Joana R. lembra a mãe que têm de ir fazer as mãos para a árvore de Natal da nossa sala!”.

Posso dizer, perante estas afirmações, que todas as crianças adoraram realizar esta atividade, e aquelas crianças que ainda não tinham feito, estavam constantemente a perguntar quando é que podiam fazer.

A maioria dos pais mostraram vontade e empenho em participar com o seu filho/a nesta atividade, tive um pequenino problema com um dos pais que não queria fazer esta proposta, mas, entretanto, consegui que este pai fizesse o trabalho com o seu filho, depois de alguma conversa e um pouco de insistência da minha parte. Não sei se fiz bem ou mal, mas provavelmente se não tivesse insistido com este pai, ele não teria feito a mão com o seu filho, por isso, acho que fiz bem e a meu ver foi um ponto positivo.

Para além das mãos, foi também enviado para casa um recado aos pais para numa bola de Natal feita de papel colocarem lá dentro uma fotografia da família e por fora teriam de decorar a bola como quisessem, para depois da árvore de Natal estar feito com as mãos colocar-se lá as bolas de Natal com a fotografia de família de cada uma das crianças. De início tinha tido a ideia de realizar um mural da família em que cada criança teria de trazer uma fotografia da sua família e depois de termos todas as fotografias criar uma espécie de um Mural numa das paredes da sala com as famílias de todas as crianças. Não realizei esta proposta desta maneira, pois iria pedir demasiadas tarefas aos pais num curto espaço de tempo e provavelmente não iria trazer ou iria esquecer-se. Deste modo a educadora Elisabete teve a ideia de pedir a cada um dos pais para decorarem a bola de Natal e dentro dela colocar uma fotografia ou fotografias da família.

Para finalizar a nossa árvore, eu, a educadora Beta e a ajudante Glória, também fizemos as nossas mãos, mas com a cor amarela, com o objetivo de formar uma estrela para colocar no topo da árvore.

Avaliação e Reformulação:

Esta atividade foi um pouco complicada de se terminar, pois tive alguma dificuldade em apanhar alguns pais, ou porque tinham o carro malparado, ou porque tinham de ir a correr para o trabalho, mas a maioria deles mostrou-se muito disponível para realizar esta proposta.

A pedido da ajudante Catarina, os pais iam dirigindo-se até ao refeitório com o seu/sua filho/filha para realizar a atividade já preparada por mim numa mesa.

Tive uma situação um pouco chata com um pai de uma das crianças, em que à frente da criança, estava a recusar fazer o trabalho dizendo “Tenho mesmo de fazer eu?!” e “Não pode fazer a mãe?!” eu justifiquei-me dizendo “Pai, eu queria que fizesse com o T. e a mãe faria com a M. (irmãos gémeos), assim eles teriam a mão do pai e da mãe na árvore de Natal da nossa sala.”. Depois de alguma conversa a tentar convencer o pai a fazer a mão com o filho, lá consegui que fizesse, um pouco contrariado, mas fez. Eu tive de insistir um bocado com o pai, falei sempre de forma calma e educada, acabando por correr bem. De resto todas as crianças e os seus pais gostaram muito de realizar esta atividade em conjunto, podemos ver o entusiasmo em muitas fotografias que tirei (tirei estas fotografias sempre depois de perguntar a cada pai/mãe se as podia tirar).

Esta atividade foi muito falada pelos pais. Muitos deles chegavam à instituição e perguntavam “Então essa árvore de Natal como está a correr?”; “Já temos a árvore de Natal na sala?”. No dia da festa de natal, depois do espetáculo no recreio, todos os pais dirigiram-se à sala onde estavam as crianças sentadas à espera deles, para lhes entregar o presente de Natal. Depois de receberem o presente de Natal feito pelos seus filhos, muitos pais foram até à árvore de Natal e ficaram a observá-la. Antes de descerem para o refeitório, alguns pais vieram ter comigo e deram-me os parabéns pela “maravilhosa”, “bonita”, “muito gira” árvore de Natal da nossa sala.

No geral esta atividade correu bem, os pais mostraram-se empenhados e entusiasmados no seu decorrer. As crianças estavam muito felizes por terem realizado aquela proposta com os pais, de início, algumas crianças achavam estranho quando lhes pedia para pintarem uma das mãos do/da pai/mãe, ficavam meio intrigados a pensar “Posso mesmo pintar a mão do pai? De certeza que posso fazer isto?”, mas com o apoio dos pais acabaram por fazê-lo e divertiram-se a fazê-lo.

A meu ver acho que deveria ter divulgado mais cedo que iria ser feita esta atividade, pois provavelmente assim não teria sido tão complicado desenvolver esta atividade, em relação a chamar os pais até ao refeitório. Poderia ter deixado um pequeno texto direcionado para os pais à entrada da sala ou mesmo ter entregue um recado em mão aos pais, a explicar que entre os dias 6 e 7 de dezembro eu ia encontrar-me no refeitório, de manhã e à tarde, à espera que todos os pais aparecessem para realizar esta atividade.

No geral, posso dizer que os meus objetivos específicos foram alcançados.

1.1.1 Figuras



Figura nº 7 – Mãe do T. a realizar a atividade



Figura nº 8 – Mãe da L. a realizar a atividade



Figura nº 9 – Mãe da A. a realizar a atividade



Figura nº 10 – Pai do M. a realizar a atividade



Figura nº 11 – Mãos dos pais e filhos feitas, por cortar



Figura nº 12 – Mãos cortadas



Figura nº 13 – Construção da árvore de natal com as mãos



Figura nº 14 – Árvore de natal concluída

1.2. Planificação da 2ª atividade realizada com/pelos pais “A nossa família”

<p>Nome da atividade: A nossa família</p> <p>Idades: 3, 4 e 5 anos</p> <p><i>“Quem vive lá em casa!?”</i></p>	<p>Informação da atividade</p> <p>Realizar dia: 5 de janeiro</p> <p>Hora: 10h</p> <p>Duração: de manhã e de tarde</p> <p>Local: Sala / mesa</p> <p>Intervenientes:</p> <ul style="list-style-type: none">. Eu (estagiária). Cada criança individualmente
<p>Material necessário:</p> <ul style="list-style-type: none">. Cartão grosso. Cartolina (branca ou preta). Cola. Tesoura / xisato. Fotografia da família	<p>Planeamento da atividade:</p> <ul style="list-style-type: none">- Começo por escrever um recado aos pais a pedir para trazerem uma fotografia da família.- De seguida, já com a fotografia na sala, explico ao grupo de crianças o que vamos fazer com as fotografias de família que trouxeram.- Depois de explicar às crianças, vejo o tamanho das fotografias e faço molduras em cartão do tamanho certo para cada fotografia.- De seguida cada criança decora a sua moldura como entender, usando a sua criatividade.- Deixa-se a moldura secar e depois coloca-se a fotografia na moldura com um pedaço de cartolina (branca ou preta) atrás a prendê-la.

	<ul style="list-style-type: none"> - Por último, penduramos as fotografias com bostik cantamos uma pequena canção para dar início à história que se vai ler - Conto a história e no final perguntasse ao grupo o que gostariam de fazer com caixas de cartão. - Juntamos o máximo de caixas de cartão possíveis para realizar a atividade. - Depois do grupo decidir o que quer fazer com as caixas enfeitam-nas livremente.
<p>Recursos disponíveis:</p> <p>Material da sala: Papel em forma de bolas de natal, como se fosse um postal, para depois colocar lá a fotografia da família.</p> <p>Material meu: -</p>	<p>Objetivo Específico:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Promover a criatividade e dar hipótese de desenvolver a imaginação das crianças. . Proporcionar um envolvimento positivo entre os pais, as crianças e a escola . Promover a entreajuda e a cooperação entre as crianças e os pais (em casa) e incentivar a socialização entre ambos.

Intencionalidade pedagógica:

. Promover e proporcionar um ambiente familiar na sala, colocando as fotografias das famílias na nossa sala e realizando esta atividade de interação entre os pais e o seu filho (os) - (Área de Formação Pessoal e Social; Área de Expressão e Comunicação; Área do Conhecimento do Mundo).

O que aconteceu:

Esta atividade foi uma proposta minha, mas foi alterada pela educadora Beta, em conversa comigo. A minha ideia era fazer um mural na sala com as fotografias das famílias de cada criança, mas em vez de fazer um mural, a Beta teve a ideia de pedir aos pais fotografias da família e colocá-las numa bola de natal feita em papel. O objetivo era, os pais decorarem as bolas de natal de papel e depois colar a fotografia lá dentro, para no final se colocar na nossa árvore de Natal da sala.

Avaliação e Reformulação:

Foi uma atividade que correu muito bem, os pais decoraram as bolas de forma criativa com a fotografia da família colada lá dentro. Depois de termos a árvore de natal feita e todas as bolas decoradas pelos pais com a fotografia da família, pendurou-se então as bolas de natal de cada família perto das mãos da árvore que cada pai/mãe/avó fizeram com os seus filhos/netos.

As crianças mostraram-se muito contentes por verem as bolas de natal com as fotografias das suas famílias, estavam sempre com vontade de ir lá tocar e ver as fotografias.

1.1.2. Figuras



Figura nº 15 – Bolas de natal com a fotografia da família lá dentro



Figura nº 16 – Árvore de natal com as bolas penduradas

1.3.Participação da 3ª atividade e projeto final “A manta das nossas famílias”

<p>Nome da atividade: A manta das nossas famílias</p> <p>Idades: 3, 4 e 5 anos</p>	<p>Informação da atividade</p> <p>Realizar dia: 16 de janeiro</p> <p>Hora: 10h</p> <p>Duração: Da parte da manhã</p> <p>Local: Sala/tapete</p> <p>Intervenientes:</p> <ul style="list-style-type: none">. Eu (estagiária). Com o grupo todo (envolvendo os pais, mas em casa)
<p>Material necessário:</p> <ul style="list-style-type: none">. Retalhos de tecidos (23 quadrados com o mesmo tamanho)	<p>Planeamento da atividade:</p> <ul style="list-style-type: none">- Conto a história “A manta” ao grupo.- Entretanto escrevo um recado aos pais a explicar o porquê deste projeto e como estou a pensar realizá-lo, pedindo-lhes ajuda na sua realização.- Eu farei os 23 quadrados para cada pai levar para casa e enfeitá-lo como quiser, partindo do tema que escolhi, a família- Neste quadrado cada pai irá demonstrar o significado que a família tem para si.- Pode fazê-lo de diversas maneiras, cosendo algum objeto que seja importante para a família, com uma história; gravar uma frase ou uma palavra que tenha significado para

	<p>essa família; um desenho ou uma apenas uma história da família.</p> <p>- No final, todos os quadrados de tecido irão ser cosidos uns aos outros de forma a criar uma manta das histórias das famílias das crianças da sala. Cada quadrado terá de estar identificado por cada família. Os quadrados irão ser cosidos por uma costureira.</p>
<p>Recursos disponíveis:</p> <p>Material da sala: -</p> <p>Material meu: Tecidos</p> <p>Materiais dos pais</p>	<p>Objetivo Específico:</p> <p>. Promover a criatividade na elaboração de cada quadrado de tecido e desenvolver a imaginação das crianças e dos pais.</p> <p>. Proporcionar um envolvimento positivo entre os pais e as crianças e incentivar a socialização.</p> <p>. Promover a entreajuda e a cooperação entre as crianças e os seus pais (em casa).</p>

Intencionalidade pedagógica:

O grande objetivo é mostrar a importância que a família tem para cada uma das famílias, deixar na sala uma manta com retalhos com histórias das famílias de cada uma das crianças e promover e proporcionar um ambiente familiar em sala (Área de Formação Pessoal e Social e Conhecimento do mundo social).

Promover a imaginação e a criatividade (Área de Expressão e Comunicação) proporcionando também um envolvimento positivo entre os pais e os seus filhos, recordando os melhores momentos passados com toda a família (Área de Formação Pessoal e Social).

O que aconteceu:

Comecei por falar com a educadora Beta sobre o meu projeto com a intenção de saber o que ela achava, se era viável ou não, se as famílias iam aderir ou não, por isso comecei por dar-lhe a conhecer a minha ideia. A partir do momento em que ela disse “Sim, claro que é possível.” eu iniciei.

Comecei por escrever um recado para os pais, que passou pela minha orientadora e pela educadora Beta, a explicar o porquê deste projeto e como estava a pensar realizá-lo, pedindo-lhes ajuda na sua construção. A educadora Beta concordou com o recado, mas acrescentou alguns pontos que achou necessário informar aos pais, como por exemplo, a data limite de entrega do tecido concluído, entre outros pontos.

Para introduzir o meu projeto ao grupo de crianças comecei por contar a história “A manta”, que retrata a história de uma avó que construiu uma manta de retalhos e cada pedaço de tecido daquela manta tinha uma história da sua família. Ao longo do livro esta avó conta à sua neta as histórias de cada pedaço de tecido.

Depois de contar a história mostrei os quadrados de tecido ao grupo e perguntei-lhes se sabiam para que é que iam servir aqueles quadrados. A maioria das crianças percebeu logo, a meio da história “A manta” para que é que iam servir aqueles quadrados, por isso quando perguntei disseram logo “Vamos construir uma manta de histórias da nossa família!!” disseram algumas crianças.

Eu comprei os tecidos e fiz os 22 quadrados, depois cada criança leva o seu para casa e, com os seus pais, decorá-lo como quiserem, partindo de um momento que tiveram em família que tenham gostado muito. Podia enfeitá-lo de diversas maneiras, cosendo algum objeto que seja importante ou tenha significado para a família, com uma história; gravar uma frase ou uma palavra que seja significativo para essa família; um desenho ou uma apenas uma história da família. Todo isto encontrasse explicado no recado para os pais.

Coloquei cada um dos quadrados de tecido dentro de um envelope com o recado lá dentro, eu e a auxiliar Glória fomos entregando aos pais à medida que os iam buscar.

À medida que cada criança ia trazendo o seu quadrado já feito, quando nos sentávamos de manhã no tapete para dar os bons dias, mostravam o seu tecido às outras crianças, e explicavam o que estava lá representado. Cada quadrado estará identificado com o nome de cada criança.

Na segunda feira dia 22 de janeiro, faltava apenas um quadrado de tecido de uma criança que ainda não tinha feito com nenhum dos pais, e que segundo a educadora Beta, muito provavelmente não ia fazer. Por esta razão esta criança realizou o seu quadrado com a auxiliar Glória.

Eu, a auxiliar Glória e a educadora Beta também realizamos o nosso quadrado de tecido.

Depois de ter todos os quadrados de tecido, estes irão ser cosidos uns aos outros de forma a criar uma manta das histórias das famílias das crianças da sala. Os quadrados irão ser cosidos por mim à máquina com ajuda de uma costureira profissional.

Avaliação e Reformulação:

A educadora Beta disse-me logo que fazia muitos trabalhos com as famílias e que as famílias se empenhavam bastante em realizá-las, mas confesso que não sabia como é que esta proposta iria correr. Depois de concluída, posso dizer que correu melhor do que estava à espera. Muitas vezes os pais podem não ter muito tempo para este tipo de trabalhos e como não era um material muito fácil de trabalhar, podiam não mostrar grande interesse, pois como era tecido e não papel não dava para utilizarem qualquer tipo de canetas/materiais. Mas não aconteceu.

Quando comecei a ver os quadrados a chegarem às minhas mãos fiquei muito entusiasmada, como as próprias crianças. À medida que traziam o seu pedaço de tecido queriam logo partilhar o que estava lá representado e quando mostraram iam dizendo aquilo que eles próprios tinham feito e aquilo que os pais tinham feito. Eu conseguia ver na cara de cada criança a expressão de felicidade e orgulho com que mostravam o seu pedaço de tecido.

Houve um pequeno imprevisto. Como comprei uma quantidade de tecido exata para as 22 crianças, para mim, para a Glória e para a Beta, não sobrou mais tecidos, e houve uma criança que levou o envelope com o seu quadrado de tecido com o recado para os pais para casa, mas não o fez com nenhum dos pais, por este razão tive de arranjar outro tecido, um pouco diferente para esta criança realizar esta atividade com a auxiliar Glória. Poderia ter evitado que o tecido fosse diferente comprando logo tecido a mais para estas situações.

Devido a esta atividade consegui ter uma maior aproximação com os pais, da maioria das crianças. Fui eu que estive em contacto com as famílias no decorrer deste projeto. Alguns pais vieram ter comigo a dizer “Ana, eu peço imensas desculpas, eu sei que é para entregar o tecido até amanhã (19 de janeiro), mas seria possível entregar na segunda sem falta?” perguntou o pai do Tiago, ao qual eu respondi “Claro que sim pai, mas tem mesmo de ser até segunda. Porque eu acabo o estágio na sexta, dia 26 e ainda tenho de coser a manta para mostrar ao grupo como é que ficou.”; “Ana, posso entregar-lhe segunda-feira? É que eu estou sozinha até Sábado com a pequena Matilde e com a Francisca e entre dar jantares, banhos, etc. Posso-lhe dar na segunda?” pediu-me a mãe da Francisca, respondi-lhe “Claro que sim mãe, segunda sem falta.” entre outros pais.

Até que, dia 23 de janeiro tinha 21 quadrados na minha mão, prestes a ter 22, pois a criança que faltava fazer fez nesse dia com a auxiliar Glória. Neste dia, 23 de janeiro terça-feira, no tapete durante a manhã, entreguei os quadrados de tecidos às respetivas crianças. A educadora Beta ia tirando fotografias e aquelas crianças que ainda não tinham falado do seu tecido falaram naquele momento.

1.1.3 - Figuras



Figura nº 17 – História contada antes de iniciar este projeto



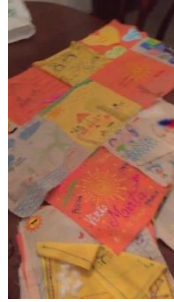
Figuras nº 18 / 19 / 20 – Três dos 23 quadrados de tecidos feitos pelas crianças em conjunto com os seus pais



Figuras nº 21 / 22 / 23 – Algumas crianças a mostrarem o seu quadrado de tecido



Figura nº 24 – Cada criança com o seu quadrado de tecido à frente para apresentar ao grupo todo



Figuras nº 25 / 26 / 27 / 28 – A “manta das nossas famílias” em construção



Figura nº 29 – Manta concluída



Figura nº 30 – O grupo a observar a manta concluída

2. Questionários aplicado aos pais

Este questionário irá ser aplicado num trabalho de investigação que decorre no âmbito da unidade curricular de Seminário de Investigação e Intervenção em EPE, no Mestrado em Educação Pré-escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, com orientação das Professoras Maria Lacerda, Lurdes Mata e Isabel Gerardo.

Pretende-se com este questionário compreender a relação existente entre o Jardim de Infância e a família, e de que maneira essa relação é percebida pelas crianças. A participação dos pais é essencial para o desenvolvimento desta investigação, por isso, agradeço desde já a disponibilidade e colaboração, prometendo a total confidencialidade e garantindo o anonimato.

A- Identificação do pai/mãe

(Marque com um X)

1. Encarregado de educação:

Mãe _____

Pai _____

Outro _____

2. Idade:

Quantos anos: _____

3. Habilitações literárias:

6º _____

9º _____

12º _____

Bacharelato _____

Licenciatura _____

Mestrado _____

Doutoramento _____

Outro? Qual? _____

4. Profissão atual: _____

5. Indique o N° de filhos a frequentar o Jardim de Infância/Creche:

Creche:

Menina _____

Menino _____

Jardim de Infância:

Menina _____

Menino _____

B- Relação Jardim de Infância – Família

(Marque com um X)

1. Dirige-se habitualmente ao Jardim de Infância do(a) seu(sua) filho(a) com que frequência?

Diariamente _____

Semanalmente _____

Quinzenalmente _____

Mensalmente _____

Na hora de almoço _____

Quando sou chamado(a) _____

Para reuniões de pais _____

2. Está informado(a) sobre os assuntos do Jardim de Infância, como por exemplo, os dias para pagamentos ou os horários de reuniões ou as atividades que estão a ser realizadas na sala do seu/sua filho(a)?

Sim _____

Não _____

2.1. Se não, porquê?

Não quero saber_____

Não tenho acesso a essa informação_____

Outro motivo: Qual? _____

2.2. Se sim, o que tem a dizer em relação a esses assuntos?

3. Participa habitualmente nos projetos/atividades realizados na sala?

Sim_____

Não_____

3.1 Se sim, descreva como:

3.2. Se não, descreva como:

4. Quais são esses projetos?

Festas (Natal; fim de ano;)_____

Atividades realizadas com as crianças_____

Reuniões_____

Aniversários_____

Outra(s): Qual(is)_____

5. Participa na elaboração do projeto curricular do Jardim de Infância do (a) seu(sua) filho(a)?

Sim_____

Não_____

5.1 Se sim, diga em que altura e como:

6. A sua relação com a educadora do(a) seu(sua) filho(a) é boa? Porquê?

É uma pessoa acessível e disponível_____

Sou sempre bem-recebida_____

É compreensiva e simpática_____

É uma pessoa em quem posso confiar_____

Outra(s) razão(ões):_____Qual(is)?_____

7. Como é a sua comunicação com a educadora:

Acessível_____

Difícil_____

Oportuna_____

Condicionada_____

Cordial_____

Estritamente necessária_____

Outra(s): _____ Qual (is): _____

8. Descreva a sua opinião sobre a participação das famílias nas atividades em sala.

9. Se o convidassem para participar em algumas atividades no Jardim de Infância do(a) seu(sua) filho(a)?

(Marque com um X a hipótese com que se identifica mais)

Participava sem medo, em todas as atividades _____

Primeiro tentava perceber o gênero de atividade que era e depois decidia _____

Participava e ajudava no que fosse necessário, dando opiniões e ideias _____

Não participava na atividade _____

Não tentava perceber de que atividade se tratava, não dava muita importância _____

10. O que pensa sobre a educação Pré-escolar? Marque com um X a importância que tem para si cada afirmação.

<i>A educação pré-escolar...</i>	<i>Muito importante</i>	<i>Importante</i>	<i>Pouco importante</i>
Ajuda a família na educação da criança.			
É um local onde a família pode deixar a criança enquanto trabalham.			
Ajuda a criança a socializar com outras crianças (faz amigos, aprende regras, ...).			
Porque é um ambiente que promove diferentes aprendizagens (Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Matemática, Conhecimento do Mundo e Expressões (Musical, Plástica, etc, ...).			
Faz com que a criança se torne mais autónoma.			
É um ambiente onde a criança se sente bem.			

Vai preparar a criança para o 1.ºCiclo.			
---	--	--	--

11. Observações:

Agradeço a sua participação

3. Respostas dos pais sobre a educação pré-escolar e a sua importância:

A	1°	2°	3°	4°	5°	6°	7°	8° pai	9°	10°	11°	12°	13°
educação	1°	2°	3°	4°	5°	6°	7°	8° pai	9°	10°	11°	12°	13°
o pré-	pai	pai	pai	pai	pai	pai	pai		pai	pai	pai	pai	pai
escolar													
é...													
1°	Imp.	Mt	Mt	Mt	Mt	Imp.	Mt	Imp.	Mt	Mt	Mt	Mt	Imp.
Afirmaçã		Imp.	Imp.	Imp.	Imp.		Imp.		Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	
o													
2°	Imp.	Mt	Mt	Imp.	Imp.	Mt	Imp.	Imp.	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt
Afirmaçã		Imp.	Imp.			Imp.			Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.
o													
3°	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt
Afirmaçã	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.
o													
4°	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt
Afirmaçã	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.
o													
5°	Imp.	Imp.	Mt	Imp.	Mt	Imp.	Mt	Imp.	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt
Afirmaçã			Imp.		Imp.		Imp.		Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.
o													
6°	Mt	Mt	Mt	Imp.	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt	Mt
Afirmaçã	Imp.	Imp.	Imp.		Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.	Imp.
o													
7°	Imp.	Mt	Mt	Imp.	Imp.	Mt	Imp.	P.	Imp.	Mt	Mt	Mt	Imp.
Afirmaçã		Imp.	Imp.			Imp.		Imp.		Imp.	Imp.	Imp.	
o													

Legenda: Imp. – Importante

Mt Imp. – Muito Importante

P. Imp. – Pouco Importante

4. Questionário aplicado às educadoras de JI

Questionário aplicado às educadoras

Esta entrevista irá ser aplicado num trabalho de investigação que decorre no âmbito da unidade curricular de Seminário de Investigação e Intervenção em EPE, no Mestrado em Educação Pré-escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, com orientação das Professoras Maria Lacerda, Lurdes Mata e Isabel Gerardo.

Pretende-se com esta entrevista compreender qual o papel das educadoras na relação e colaboração com as famílias das crianças e ter em conta as suas opiniões e ideias em relação ao envolvimento das famílias.

A participação das educadoras é essencial para o decorrer deste estudo, por isso, agradeço desde já a participação e disponibilidade das educadoras de Jardim de Infância, prometendo a total confidencialidade garantindo o anonimato.

1º. Como educadora de infância, que importância dá à relação escola/família?

2º. Na sua sala, os pais participam frequentemente nas atividades das crianças? Pode dar alguns exemplos dessa participação?

3º. Que tipo de estratégias usa para motivar este envolvimento?

4º. O que pensa sobre a opinião dos pais relativamente a essa relação?

5º. Em que circunstâncias será essencial a colaboração dos pais?

6º. No seu ponto de vista, qual é o impacto que o envolvimento e a relação entre a escola e a família podem ter nas crianças?

Obrigada pela sua participação.

5. Entrevistas aplicadas às crianças de JI

Entrevista aplicadas às crianças

Esta entrevista irá ser aplicado num trabalho de investigação que decorre no âmbito da unidade curricular de Seminário de Investigação e Intervenção em EPE, no Mestrado em Educação Pré-escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, com orientação das Professoras Maria Lacerda, Lurdes Mata e Isabel Gerardo.

Pretende-se com esta entrevista perceber qual a visão das crianças perante a relação entre as suas famílias e a escola e compreender como se sentem diante deste envolvimento.

A participação das crianças é essencial para o decorrer deste estudo, por isso, agradeço desde já a participação e disponibilidade deste grupo de crianças, prometendo a total confidencialidade garantindo o anonimato.

1º. Como te sentes quando os teus pais participam nos teus trabalhos da sala?

2º. Lembraste quando fizeste aquela atividade de pintar as mãos para a árvore de natal com a mãe/pai/avós? Como foi?

3º. E o quadrado de tecido para fazer a manta de histórias? Como te sentiste quando o fizeste com os teus pais?

4º. O que gostaste mais de fazer com a mãe ou com o pai na tua sala?

5º. Gostavas que viessem mais vezes à tua sala fazer atividades contigo? Ou preferias que viessem só brincar?

6º. Conversas com os teus pais sobre o dia que tiveste na escola? E falas sobre as atividades que fizeste?

Obrigada pela tua participação!

6. Figuras

6.1. Instituição:



Figura nº 31 - Entrada da instituição



Figura nº 32 - Recreio do jardim de infância



Figura nº 33 - Recreio do jardim de infância coberto



Figura nº 34 - Cozinha da instituição

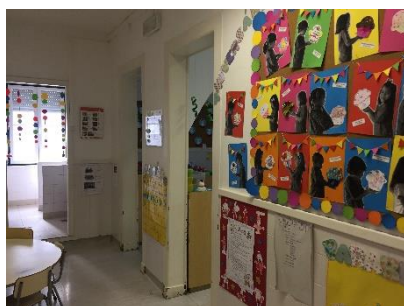
6.2. Sala:



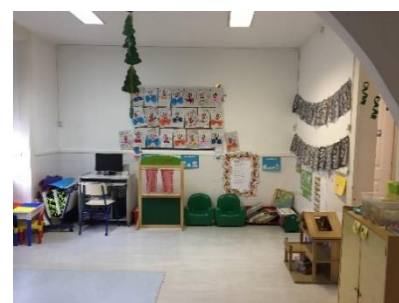
Figura nº 35 - Cabides das crianças



Figura nº 36 - Porta da sala



Figuras nº 37 / 38 /39 - Primeiro lado da sala + casa de banho



Figuras nº 40 / 41 /42 - Segundo lado da sala



Figura nº 43 - Jornal da semana



Figura nº 44 - Mapa dos aniversários



Figura nº 45 - Mapa das presenças



Figura nº 46 - Mapa dos responsáveis



Figura nº 47 - Calendário



Figura nº 48 - Mapa do tempo